

I

— O que ele faz aqui? Perguntou Paku

Abak lançou lhe um olhar seco, esporou o cavalo, afastando-se. Paku o acompanhou.

— O que foi agora Paku? Rebateu, com a voz baixa abafada.

— A tradição não permite estranhos, Fakuri errou em aceitá-lo.

Os dois caminhavam a frente do grupo em uma estrada de terra tortuosa, cercada por densa floresta, naquele momento o sol afinava-se no horizonte e seus raios se esparramavam cedendo ao crepúsculo que adentrava lentamente a floresta. Um silvo leve e contínuo rasgou o ar chegando aos ouvidos dos dois, lá de trás Fakuri assobiava, sinal de que era hora de montar acampamento.

— Esqueça o passado. Cortou Abak, puxando as rédeas até o cavalo parar. — Fakuri aceitou trazê-lo. Completou. Paku franziu o cenho irreverente e deu meia volta também. O primeiro dia de cavalgada terminava.

Enquanto isso, atrás deles estavam Fakuri, Kizuno e Akin. Fakuri imponente em seu cavalo marrom ornado com couros tingidos. [Adicionar Estandarte da tribo or'ri] Seu cavalo ostentava na lateral direita marca da tribo em vermelho sangue mostrando sua

posição de líder tribal. A marca tingida no couro era como um círculo cortado por traços em suas bordas.

Ao lado do chefe vinha Kizuno, mestre de guerra e conselheiro de Fakuri, no mesmo cavalo agarrado a ele estava seu discípulo, um jovem de pele morena, cabelo curto mal raspado e que usava trajes tribais de couro até a cintura.

Fakuri puxou as rédeas de seu cavalo e fez sinal com a mão para que Kizuno também o fizesse.

— Kizuno, acompanhe-me na ronda. Disse Fakur.

Kizuno olhou para o chefe hesitante e volta-se para o jovem atrás dele.

— Akin. Disse ele. — Desça e monte acampamento junto com Abak e Paku.

O garoto olhou nos olhos do homem entendendo do que se tratava, puxou sua lança amarrada na lateral do cavalo e pulou, Kizuno pôs o cavalo a trotar e partiu atrás do chefe que já se adiantava.

Abak e Paku voltavam e à medida que se aproximavam do garoto diminuíam a velocidade de seus cavalos. Ambos desmontaram puxaram seus cavalos para perto da margem da estrada onde iriam amarrá-los. Akin os observava atento, até que Abak se aproximou.

— Prepare a caça Akin, Paku e eu faremos a ronda a pé e traremos um pouco de madeira.

Akin assentiu com a cabeça, Abak e Paku adentraram a lateral da estrada, floresta adentro. O garoto olhou para os alforjes de couro dos cavalos onde provavelmente estariam as lebres para que comeriam, andou até os cavalos se aproximando-se da densa floresta. Parou ali e fitou densidade da mata, já não escutava os barulhos de passos e nem os cavalos ao longe, estava sozinho.

Enquanto a lua tomava seu lugar na escuridão banhando os seres com sua luz, Fakuri cavalgava em silêncio ao lado de Kizuno. Era um homem robusto de pele preta, aparentava ter cinquenta anos, usava pedaços de couro trabalhado até a cintura, no dorso ostentava pinturas corporais em tinta vermelha e um colar feito de ossos, tinha a cabeça quase toda raspada com uma espécie de moicano baixo no centro de sua cabeça. Fakuri havia passado por mais batalhas que qualquer um da aldeia e carregava na face a dureza de anos de liderança.

Kizuno tinha quase a mesma idade, na verdade era um pouco mais novo, tinha a pele preta e usava couros em seu corpo, com exceção das pinturas corporais, ele não gostava muito dos costumes

antigos. Conhecia Fakuri como amigo há muitos anos, desde os tempos difíceis quando por um motin Fakuri tomou poder, eram como irmãos.

— Me preocupo com Akin - Lançou Kizuno, rompendo o silêncio.

Fakuri encarava o luar sereno como se momentos como aquele fossem raros.

— Como foi sua primeira viagem para o banquete de Torukar, meu amigo? - Pergunto o chefe, voltando seu olhar para Kizuno.

— Fui desafiado. Respondeu Kizuno secamente

— E o que você fez? Devolveu Fakuri.

— Enfrentei o guerreiro que me desafiava e garanti meu lugar na guarda do chefe. Respondeu Kizuno, agora com a voz mais aliviada.

— Pois então, permita que o garoto mostre seu valor.

Kizuno fez uma pausa breve, respirou, sabia que ele tinha razão.

— Se te preocupa. Fakuri acrescentou — Ordenei Paku a não se envolver. Abak dará apenas um susto no garoto. - disse o chefe enquanto voltava seu olhar pensativo ao luar.

Akin estava abaixado alguns metros de onde os cavalos estavam amarrados e temperava o alimento, sua lança repousava no chão ao seu lado. O escurecer do dia se adiantava e ele estava atento ao redor e a qualquer som vindo da floresta.

Sentiu que algo o espreitava da escuridão, repousou a mão em sua lança de madeira e concentrou-se. A essa altura Paku e Abak ainda não poderiam estar voltando, pensou. Algo se moveu atrás dele, Akin girou seu corpo, mas antes que pudesse impedir um impacto forte o atingiu levando-o ao chão. Recuperou os sentidos e viu um homem esguio encapuzado vestindo roupas de couro e um tecido que tapava-lhe o rosto.

Rolou para perto de sua lança, o homem investiu contra ele novamente, mas acertou o garoto que agora já se levantava. Os dois pararam a menos de dois metros um do outro e o homem riu, percebendo que o impacto não acertou somente o garoto, mas também fez a ponta de sua lança quebrar.

Akin encarou a escuridão debaixo do capuz. Percebeu que a lança do homem era peculiar, tinha a ponta feita de obsidiana, uma pedra peculiar que somente os soldados da guarda do chefe possuíam.

— Kizuno lhe ensinou bem - Disse o desconhecido, partindo para um novo ataque

Os dois se moviam desviando dos ataques rapidamente, até que o homem levou sua lança ao rosto de Akin. O garoto sentiu a pedra fria acertar o canto de sua bochecha esquerda, a dor encheu sua mente fazendo-o agir velozmente, levou sua mão a lança do inimigo, agarrou com toda força, puxou para trás e ao mesmo tempo levou seu pé a frente chutando o rosto do homem. O golpe inesperado o fez cambalear para trás e cair, neste momento o capuz saiu de sua cabeça revelando seu rosto.

— Paku! Gritou Akin

— Vocês desgraçaram minha vida! Berrou ele imediatamente

As palavras cruéis e o rosto familiar fizeram Akin hesitar o suficiente para Paku se levantar e sacar uma pequena faca de caça e partir para cima proferindo ainda mais insultos de raiva. Akin saltou para trás jogou sua lança fora; segurando apenas a de obsidiana. Desviava dos golpes com velocidade surpreendente, mas Paku não parava. Akin acertou a mão de Paku que segurava a faca e logo em seguida pegou em cheio em sua boca com o cabo da lança, fazendo-o gritar, Akin parou, usando a parte de trás da lança estocou a barriga de Paku fazendo-o cair de joelhos.

Caído sangrando na sua frente Paku gemia dor, Akin parou para tomar folego e então tomou uma rasteira violenta que o fez cair. Paku pulou para cima colocando a lança em seu pescoço. As palavras ditas pairavam no ar e Akin as escutava repetidamente, como um eco infinito dentro de sua mente. Enfurecido empurrava a lança que pressionava seu pescoço para baixo. A posição de Paku era vantajosa e aos poucos perdia força das mãos, foi quando sentiu uma pontada quente em sua barriga, continuou forçando a lança até logo a queimação atingiu todo seu corpo. A dor em sua barriga era insuportável e agora mais forte que a lança que o pressionava. Sem forças continuar, cedeu e tudo escureceu.

II

Naquele dia, o sol estava a pino e o calor abraçava as montanhas do continente “”. Perto da aldeia “”, uma montanha cheia de vegetação se impunha; dela brotava a mais alta e enorme cachoeira do vale. Suas águas tinham uma força estrondosa e após a grande queda, desaguavam suavemente no vale nutrindo as plantações da região e animais que ali viviam. Tamanha era sua altura que os aldeões e andarilhos costumavam escalá-la como forma de cumprir com antigas tradições, desafios para então contar aos descendentes de seus feitos.

Yacamim abriu os olhos subitamente, ofegante. Algo lhe tirou a atenção; por três dias esteve ali, parado, sentado em um pequeno espaço em meio a vegetação e a enorme cachoeira. Mantivera-se em completa harmonia com a **sinergia da floresta** e durante este tempo pode enxergar e sentir energias vindas de muito longe de locais separados por grandes águas.

Inspirou e expirou acalmando-se, ficou de pé e olhou para o alto da montanha. O dia que ele tanto esperara havia chegado e era hora de encontrar Iyamora.

Iyamora, vivia acima das águas da cachoeira em meio as árvores altas da montanha, era uma garota xamã que, embora não fosse o costume dessas criaturas, começou a conviver com Yacamin após o incidente no assentamento há muitos anos. Yacamim escalou o restante da montanha, no topo já bem acima da nascente da cachoeira uma vegetação com árvores prevalecia, o homem adentrou mais a fundo caminhando até onde seus sentidos o levavam. Avistou Iyamora empoleirada em uma árvore; ao menor sinal ela estava a sua frente.

As tribos daquele continente apelidaram essas criaturas de xamãs há muito tempo, eram seres humanos que um dia receberam um chamado à natureza e por fim nunca mais voltaram à sociedade. Seus poderes eram desconhecidos assim como seu tempo de existência. A xamã de frente para Yacamin aparentava ter doze anos de idade, embora ele soubesse que ela poderia ser dez vezes mais velha que ele; tinha cabelos longos escuros e o corpo inteiro coberto por marcas de sinais de todos os tipos e formatos, os olhos eram grandes, maiores do que de um humano comum, e de um verde muito forte.

— Eu senti. Disse ele olhando para a pequena.

Iyamora o fitou por instantes, os cabelos longos sujos balançavam ao vento forte, andou alguns metros para trás até uma

árvore, enfiou-se atrás dela e não voltou mais. Os encontros com ela sempre foram deste jeito, Yacamin não sabia como, ou de que jeito acontecia, mas ela se comunicava com ele apenas por estar perto, sem dizer uma única palavra. Agora, ele sabia de alguma forma o que tinha que fazer.

Todos já dormiam quando Yacamim passou pela aldeia sob o brilho da lua, o som inquietante do silêncio era rompido por seus passos e por algumas fogueiras que ainda crepitavam. Atravessou a aldeia, passou pelo portão principal indo até alguns metros para fora da aldeia onde a floresta já começava, Yacamim se sentou. Inspirou profundamente, pensou o quanto esperara por aquele dia, por muitos anos treinou e aguçou seus sentidos para que pudesse procurar por seu irmão e naquele dia finalmente sentiu florescer a energia de seu irmão, forte e revigorante.

Por de trás de uma árvore uma pantera negra apareceu, com o tamanho maior que o normal e corpo marcado por inscrições vermelhas. O olhar verde quase luminescente fixo em Yacamim. Ele se aproximou da fera enorme pousando a mão em sua pelagem.

Ao tocá-la sentiu Iyamora em sua mente. Ela precisava-lhe mostrar algo. Yacamim montou a fera e os dois adentraram na floresta.

Agarrado ao dorso da criatura, Yacamim viu o quão veloz ela se movia, a fera passava com facilidade entre as árvores e nem parecia que o carregava nas costas. A velocidade parecia aumentar ele agarrou mais forte ainda pressionando seu rosto contra o pelo do animal. Sentiu o cheiro denso e úmido do pelo entrando em sua narina sua narina, podia sentir seu gosto, era ruim, mas ele não queria desgrudar, poderia permanecer ali por muito tempo. Olhou para lado e viu árvores contorcidas de cores estranhas, o céu estava escuro e claro ao mesmo tempo, pra onde estava indo, lembrou-se de agarrar mais uma vez era só o que conseguia fazer.

A fera parou, Yacamim deslizou como uma larva e caiu no chão, virou-se desorientado olhou para céu e viu apenas a copa das árvores. Aos poucos foi recobrando sua consciência, até conseguir se sentar. Iyamora estava ali, sentada. Estendeu a mão oferecendo-lhe algum tipo de carne. Ele inspirou profundamente sentido cheiro puro e úmido do interior da floresta e então agarrou o pedaço de carne.

— Onde estamos? Pergunto, enquanto mordida um pedaço.

Ela queria mostrar-lhe algo na floresta profunda, perto da árvore mãe. Yacamim olhou intrigado, havia rumores de que os animais e demônios que atacavam as aldeias saíam daquele local. Mais vez em sua mente ele pode ouvir Iyamora, como se ela dissesse que ele precisava ver algo antes de partir em jornada.

Em seguida a xamã recitou palavras xamânicas, Yacamim se surpreendeu nunca havia presenciado aquilo na vida. A pequena fechou os olhos e fez o símbolo da inscrição de força com os dedos e do chão bem entre os dois surgiu um **tambor**. Iyamora o pegou e repousou em seu colo. O instrumento era feito de madeira e em todos os lados possuía inscrições xamânicas em sua maioria indicando cura e fortalecimento, bem no meio havia o nome daquele que receberia a energia. YACAMIM.

Yacamim olhou fixamente para o instrumento, ele já tinha escutado histórias de seus ancestrais sobre os **tambores** e que eram utilizados para envio de energia. Ele podia sentir a energia poderosa só por estar perto do objeto.

A pequena levantou-se e foi até ele, estendeu os braços e mostrou as mãos em formato de concha, segurava um líquido que parecia tinta verde musgo. Yacamim passou os dedos na tinta e riscou seu corpo imitando as inscrições do tambor, passou por seu

rosto, braços e dorso. Olhou de volta para a xamã que colocava suas mãos sobre o instrumento e começava a ativá-lo, levemente as inscrições nas laterais começaram a ganhar vida. A energia, pensou ele. Pousou suas mãos no solo e concentrou-se. Uma energia poderosa fluiu por sua mão e preencheu seu corpo. De olhos fechados sua visão atravessou a floresta inteira, cada árvore, cada planta passou por sua mente, sentia tudo; em instantes encontrou uma fonte de energia absurda, a grande árvore. Levantou-se, estendeu a mão para o chão, uma raiz brotou do lugar e começou a crescer até sua mão. Yacamim segurou firme no ramo que crescia, agora passava sua cabeça e aos poucos tomava forma de uma lança. Com força e firmeza arrancou-o do chão.

Iyamora olhava fixamente para ele.

Yacamim encarou seriamente a pequena. Sentiu uma força em seu corpo, ela está canalizando a energia vital para mim. Que poder! Ele pensou. Virou-se para direção da grande árvore e partiu deixando Iyamora.

III

Akin abriu os olhos, viu patas de cavalo e o chão passando diante de seus olhos. Atordado, levantou a cabeça e viu que estava sendo carregado. Com os braços empurrou seu corpo para trás tentando se colocar sentado e não cair. Olhou para frente e viu que seu cavalo estava preso ao de Kizuno que cavalgava ao lado de Fakuri.

O animal estremeceu e Kizuno olhou para trás.

— Você acordou - Disse seu mestre.

— Acho que sim, o que aconteceu? Perguntou o jovem.

— Esperava que você nos contasse. Disse o chefe da aldeia, parando seu cavalo — Ordenei que Abak retornasse com Paku para Or'ri, enquanto nós seguimos para o Posto Aimor.

— Chefe Fakuri. Disse Akin respeitosamente. — Paku tentou me matar enquanto eu preparava nosso acampamento.

Ao terminar a frase Akin olhou para seu mestre, sua face apresentava uma mistura de seriedade com orgulho, sabia que Kizuno estava orgulhoso, mas aquele ataque de Paku o preocupara.

Fakuri respirou fundo e esporou seu cavalo.

— Vamos continuar nossa viagem. Disse ele secamente — Tomarei as providências quando retornarmos a aldeia.

Akin engoliu seco e agarrou as rédeas do cavalo, Fakuri e Kizuno eram amigos, mas ele sabia que Fakuri tomava suas decisões pensando na tribo e não em agradar seus companheiros.

Na tarde do dia seguinte, Akin percebia mudanças na estrada, que agora ficava mais ampla com uma vegetação diferente da floresta que percorreram até ali. O caminho parecia levar ao topo de uma colina, o grupo continuou e chegando ao topo Fakuri fez sinal para que parassem.

Podiam ver dali o gigantesco desfiladeiro que tinha o nome de Aimor. Ele se estendia até onde não se podia ver mais, coberto por pedras que e vegetação intensa. O caminho por entre o desfiladeiro era rodeado por paredes rochosas altíssimas e começava alguns metros do pé da colina de onde eles estavam. Na boca do desfiladeiro podiam ver um acampamento cheio de estandartes e cabanas. A brisa soprava forte no rosto de Akin, que olhava fixamente para horizonte em direção desfiladeiro interminável, ao fundo ele ouvia murmurar das pessoas se mexendo e falando no acampamento ao pé da colina.

— Então este é o desfiladeiro Aimor? Perguntou Akin, antes que Fakuri pudesse falar.

— Sim. Disse Kizuno. —Nós chegamos ao...

— Aqui estão os guerreiros mais fortes das tribos? Perguntou Akin agitado, interrompendo Kizuno. — Com quem vou lutar no Torukar?

Kizuno franziu o senho e virou seu cavalo ficando de frente para o jovem.

— Você não vai lutar com ninguém se não me deixar falar. Cortou ele.

— O Torukar não é apenas sobre lutar Akin. Disse Fakuri, olhando seriamente para ele. — Significa a marca da união dos povos da planície, onde celebramos nossa paz.

— Certo... Respondeu o jovem.

— Akin. Disse Kizuno ainda olhando para ele. — Nós acolhemos você e sua mãe a muito tempo como um dos nossos. Você mostrou seu valor e tenho orgulho disso. Disse Kizuno, enquanto suspirava. — Mas lembre-se que aqui você será visto como um estranho, então não arrume problemas e fique atrás de nós sempre. Akin assentiu com a cabeça, Kizuno virou seu cavalo e o grupo iniciou a decida para o acampamento Aimor.

O desfiladeiro do qual eles se aproximavam era uma das únicas passagens por terra do norte do continente para o sul. Anos atrás os povos do norte passavam por ali quando queriam comerciar ou

atacar as tribos do sul, nesta época não havia paz entre as tribos, o que as mantinha fracas nas batalhas contra invasores.

Anos atrás os povos da planície se degladiavam, não havia união. Cada tribo tinha sua lei e as lutas por recursos eram constantes. Até que um dia um inimigo comum surgiu pelo desfiladeiro e sobrepuiu as aldeias. Foi então que a necessidade de união surgiu, os líderes de cada aldeia começaram a se comunicar buscando por uma força maior para derrotar o inimigo. A maioria começou a se juntar para lutar, mas o chefe da aldeia Or'ri nome dele não acreditava na união e afirmou que não participaria dela. Uma guerra se civil se instaurou na aldeia liderada por um jovem muito habilidoso cujo nome era Fakuri.

Naquela época, o chefe da aldeia Or'ri não acreditava na união das tribos e não aceitava nada perto disso. Uma guerra se civil se instaurou na aldeia liderada por um jovem muito habilidoso cujo nome era Fakuri.

O jovem tomou o poder e foi então que as coisas começaram a mudar. Fakuri ganhou o respeito dos líderes das outras tribos e propôs um ataque coordenado contra um grupo do norte que acampava na boca do desfiladeiro. Uma batalha feroz se sucedeu, onde as tribos do sul saíram vitoriosas e reconheceram seu inimigo

em comum. O acampamento do norte foi destruído e ali deu-se o primeiro momento de paz entre as tribos da planície dos povos.

Ao pé do desfiladeiro construiu-se o primeiro acampamento em comum onde a entrada seria vigiada pelos melhores guerreiros da planície. Como uma forma de manter a união e manter os guerreiros das tribos sempre treinados estabeleceu-se que uma vez a cada quatro estações, o que poderíamos chamar de uma vez ao ano, as tribos iriam se encontrar para o chamado Torukar. Um festival onde os melhores guerreiros e guerreiras lutariam para encontrar decidir quem seria o mais forte. Era uma forma de reafirmar os laços e manter suas forças de guerra sempre imponentes.

Akin seguia descendo a colina logo atrás de Kizuno e Fakuri, a estrada tortuosa agora dera lugar a uma vasta colina que descia e culminava no desfiladeiro; o chão era mais duro tinha pequenos pedregulhos; as árvores eram em menor número e podia-se ver ao longe em qualquer direção. À medida que aproximavam mais do acampamento, que ficava realmente próximo ao desfiladeiro, Akin sentia imponência de suas paredes gigantescas e imaginava como algo tão grande poderia existir.

Enquanto isso, ao fundo um leve ritmar de tambores começou a ser ouvido e o grupo passou pelo primeiro estandarte tribal do posto Aimor que estava ficando no solo sinalizando o começo do território. Dali em diante quanto mais adentravam mais fortes ficavam os sons e alguns aldeões de outras tribos começavam a serem vistos.

O grupo continuou e passou pela entrada do acampamento que tinha dois troncos ficados no chão e um couro amarrado entre eles. Neste couro estavam pintadas em tinta natural as marcas de todas sete tribos, cada uma em sua respectiva cor. Akin observava curiosamente todos os detalhes, mas não conseguia parar de pensar naquele som dos tambores que ecoavam em sua cabeça, eles puxavam sua atenção deixando-o inquieto.

— Kizuno. Chamou ele adiantando seu cavalo até o lado do mestre. — Que som é esse?

Kizuno olhou para o jovem sabendo que não adiantava pedi-lo para não perguntar.

— Este som vem dos instrumentos da tribo Oin. Disse ele, vendo o olhar do jovem varrer o acampamento em procura. — Você não vai encontrá-los. Continuou ele — A tradições dos tambores não é mais permitida aqui e a tribo Oin acampa fora de Aimor para poder manter seus costumes.

— Por que as tribos não gostam? Perguntou Akin sem compreender. Kizuno suspirou

— Os tambores sempre foram ligados a magia, Akin. Disse o mestre mais baixo bem próximo de Akin. — Este é um assunto para outra! Vamos! Afirmou ele, apertando o passo do cavalo para alcançar Fakuri.

Momentos depois, Fakuri e Kizuno cavalgavam por entre os alojamentos e cumprimentavam os conhecidos com sorrisos e acenos, seguidos por Akin que recebia alguns olhares estranhos por parte das pessoas das outras aldeias. Logo chegaram em uma cabana que tinha entrada pintado em tinta vermelha escura um círculo com as bordas cortadas, na frente da cabana um estandarte de madeira vazio estava ficado no chão, Fakuri se aproximou dele, pulou do cavalo, abriu um bolsa de couro que estava na lateral e dali retirou um tecido enrolado amarrado com tiras de cipó, desamarrou em com as duas mãos estendeu ao vento firmemente. Era a bandeira da tribo. Akin observava enquanto ele encaixava a bandeira no estandarte e símbolo igual ao da cabana se impunha.

Era tradição que antes do festival Torukar os líderes das tribos se reunissem com sua guarda e um dos melhores guerreiros que participaria do festival, para um banquete no acampamento Aimor. Assim, o grupo permaneceria por ali nos próximos dias.

Akin levou seu cavalo, que na verdade era de Abak, para um pequeno estábulo que tinha água e comida ao lado da cabana, amarrando o animal ali e seguiu para a entrada. Ao entrar, logo sentiu um aroma cítrico refrescante, olhou procurando e avistou uma cumbuca de madeira com umas ervas em brasa. Capim limão pensou ele. O ambiente era acolhedor e tinha sido arrumado para receber cinco pessoas, contava com redes grandes nos cantos e bancos de madeira entalhada envolta de uma pequena fogueira apagada no centro. Ao lado da fogueira estavam algumas jarras com água e um pouco de madeira para o fogo.

Nessa hora, a tarde já caminhava para fim e Fakuri entrou na cabana logo após Kizuno.

— Deixem seus pertences, o anfitrião nos espera para o banquete. Avisou ele, olhando para Akin que já acariciava a rede para deitar-se com olhar cansado.

No acampamento havia uma tenda central enorme onde aconteceria o banquete de boas-vindas, Fakuri e Kizuno saíram da cabana indo em direção à tenda central seguidos por Akin. No caminho passaram pela cabana da tribo Tizuno, onde estavam parados dois homens enormes e uma mulher igualmente alta, tinham a pele preta assim como todos dali e usavam peças de couro

no corpo com símbolos pintados em tinta rocha esverdeada, na cabana o símbolo da tribo que era uma linha vertical grossa de sua ponta saiu protuberâncias que pareciam chifres.

Enquanto passavam, Akin olhava para eles curioso e acabou cruzando seu olhar com mulher que imediatamente deu alguns passos à frente se colocando entre ele e Kizuno. Akin não parou, continuou até que chegasse próximo à mulher; olhou para cima com rosto sério encontrando a olhar da moça e ali ficaram por instantes. De repente uma voz grave gritou:

— O que está acontecendo aqui? Disse um homem que vinha andando na direção deles. Akin ainda encarava a mulher sem piscar e de repente sentiu seu braço sendo puxado para lado, era Kizuno que o jogava para trás dele rapidamente.

— Mot'ar. Disse Fakuri. Akin observou o homem chegando e Fakuri parecia diminuir de tamanho quanto mais ele se aproximava, olhou para mulher que já estava em posição em frente a cabana. Akin fitou o rosto do homem e sentiu um arrepio ao ver que tinha metade de uma caveira pintada em branco que começava na parte de cima do lábio e subia cobrindo resto de seu rosto, como se não bastasse ele ainda usava um cordão de ossos imensos no peitoral.

— Irmãos distantes! Gritou Mot'ar novamente, apertando Fakuri — Espero que todos estejam muito bem acomodados. Hoje

nos reunimos mais vez para celebrar a paz que conquistamos tão arduamente! Meus guerreiros estão lhes incomodando? Disse o homem olhando para a mulher que agora estava parada na frente da cabana.

— Nem um pouco, meu amigo. Disse Fakuri rapidamente. — Ela deve ter se intrigado com nosso jovem Akin. Completou apontando para o jovem.

Akin viu o homem gigantesco notando sua presença e indo até ele.

— Este não é daqui ein? Disse o Mot'tar enquanto inspecionava o garoto. O peito do homem batia na altura da cabeça de Akin, que olhou para cima para olhá-lo nos olhos. — De onde você é, jovem conhecido como Akin. Perguntou Mot'ar.

— Sou da tribo Or'ri. Respondeu o garoto sem pestenajar. Mot'ar abriu um largo sorriso.

— Vejo que domesticaram ele bem. Caçooou ele. Kizuno se aproximou.

— Nós o acolhemos a muitos anos, e hoje ele é um dos nossos melhores guerreiros. Afirmou Kizuno.

— Isso veremos em Torukar, meu caro Kizuno. Cortou Mot'ar enquanto se virava. — Vamos entrando! Um banquete nos espera. Completou ele já partindo em direção a tenda. Kizuno apertou o

braço de Akin e soltou enquanto franzia o rosto e sem dizer nada se virou. Akin o seguiu.

Os três caminharam mais um pouco e adentraram na tenda central. O local era enorme com grandes mesas postas feitas de blocos de pedras, tochas acesas em todos os cantos, Akin nunca havia visto tanta comida, estava acostumado com pequenas refeições no dia a dia da aldeia.

Enquanto todos ainda procuravam um lugar para sentar-se, Akin viu Mot'ar motar se dirigindo ao centro e atrás dele no lado oposto da tenda uma figura encapuzada em estava em pé observando a todos.

— Boa noite a todos. Disse Mot'ar. — Sentem-se.

Sua voz ecoou pela tenda, e todos olharam para ele que já se sentava ali no centro mesmo. Akin olhou para seus dois companheiros, Kizuno estava calmo o ambiente lhe era familiar, Fakuri mantinha olhos cerrados na direção de Mot'ar. Akin percebeu que o chefe também havia reparado no homem atrás de Mot'ar e olhava para ele fixamente pra ele. O capuz escondia-lhe o rosto, as mãos a mostra a frente pareciam de um tom estranho, manchas roxeadas brotavam dela.

O banquete seguiu conforme planejado, Mot'ar caminhava por entre as mesas trocando palavras e gargalhadas abraçando seus velhos amigos. E novamente o grandalhão se aproximou dos três.

— Temos aqui Fakuri "A sombra de Or'ri" Gritou ele e todos envolta olharam e aplaudiram.

— Mot'ar " o gigante do desfiladeiro - Disse Fakuri, tentando retribuir de alguma forma, não gostava muito desses nomes que lembravam outros tempos. Mot'ar se aproximou mais e se sentou com eles.

— O que está achando de nossa comida pequeno Akin? Disse Mot'ar sorrindo com o canto da boca.

— Quem é aquele no canto, Mot'ar?. Perguntou Fakuri antes que Akin pudesse responder, cortando o riso do homem.

— Perspicaz como sempre! Comentou Mot'ar olhando para Fakuri. — Aquele é novo por aqui, seu nome é Grun, o encontramos vagando as margens do desfiladeiro, após ter sido atacado por homens do norte.

Fakuri olhou para canto do homem encapuzado que nesse momento já não estava mais lá.

— Espero que não tenha se esquecido do Torukar. Alfinetou Mot'ar, levantando-se.

Desta vez Kizuno se levantou, encarou o homem, mesmo em pé Kizuno batia nos ombros do Chefe de Airmor.

— A aldeia Or'ri nunca se esquece das tradições - Disse sem hesitar — Torukar irá acontecer daqui há trinta luas assim como sempre foi.

Mot'ar o encarou e sem responder apenas virou-se em direção de onde estava sentado. Kizuno se sentou e olhou para Fakuri que estava pensativo.

Os dois haviam reparado na mesma coisa, Mot'ar nunca foi tão mais alto que Kizuno, o homem parecia gigantesco, algo de estranho estava acontecendo, pensaram os dois velhos amigos.

O banquete continuou e ignorando olhares indigestos de vindos de outros cantos, Akin comeu e só parou quando não aguentava mais, o sabor era intenso, o tempero irresistível, mesmo tendo comido uma quantidade absurda ainda queria mais, sentia um frenesi a cada mordida. Quando conseguiu parar para respirar olhou ao redor, todos comiam vorazmente como porcos incluindo seus companheiros.

IV

Yacamim caminhava pela floresta em direção à grande árvore, naquele ponto percebeu que mata era densa e fechada impedindo-o de enxergar ao longe, decidiu parar um pouco para avaliar o caminho, fechou os olhos e pousou as mãos no solo.

Neste instante, um javali enorme saiu em velocidade de um arbusto a sua frente em sua direção. Yacamim saltou agarrando-se em um galho no último minuto da arremetida da fera. Olhou para o bicho que dava meia volta e em seguida bateu contra árvore que ele estava pendurado. Yacamim caiu no chão rolando, levantou-se e rapidamente esticou os braços para frente, raízes brotaram do chão entorno do corpo da fera e agarraram-na. O javali rugiu vorazmente tentando se libertar. Yacamim inspirou lentamente tentando assumir controle novamente. Como não senti ele se aproximando? Pensou ele enquanto acalmava.

O javali grunhiu alto, mas as raízes eram grossas demais. Yacamim escalou alguns galhos chegando a uma árvore mais alta. Olhou para o javali que se debatia, a fera não tinha um tamanho normal pensou, de sua boca um líquido roxo viscoso pingava.

Aquele ataque tinha sido por pouco, era melhor continuar seu caminho esgueirando-se pelos galhos evitando ao máximo caminhar no solo.

À medida que avançava, mais animais apareciam, cervos, javalis, ursos e macacos. Todos de um tamanho maior que o normal. Yacamim começou a ter que se esforçar para passar despercebido e por mais que avançasse não conseguia chegar na origem daquilo. Parou em uma árvore com muitas folhas, escondido, esgueirou-se até a ponta de um galho para observar. Estava cercado por criaturas estranhas, algumas delas tinham protuberâncias em suas peles, deformações as quais nunca havia visto, o local exalava um odor intenso e pesado que entrava e saía de seus pulmões provocando sensações estranhas. Cada minuto que se passava sentia que uma energia pesada entrava em seu corpo.

Continuou mais um pouco, esforçando-se para encontrar o caminho, adiante viu que a quantidade de árvores diminuía, imaginou estar perto de uma clareira, seus sentidos estavam bagunçados confiava apenas em seus olhos. Ao passar pela última árvore arregalou os olhos espantado. À sua frente estava um gigantesco vale, onde bem no centro estava uma árvore absurdamente colossal. O vale era enorme e por isso escondia em seu centro o tamanho daquela coisa. Yacamim percebeu que um

pequeno riacho descia do outro lado do vale e circundava a árvore. Ficou ali, extasiado, seus olhos não acreditavam, o vale todo está encoberto pela copa desta árvore! Pensou. Aquele era o maior ser vivo que já havia visto, e nesses pensamentos súbitos as palavras de Iyamora passaram por sua cabeça, algo adoeceu nossa grande árvore.

Percorreu os olhos por todo vale, que estava coberto por criaturas grotescas que pareciam as piores até agora, uma névoa de tom roxeadado bruxuleante rondava o local e o cheiro, agora muito mais forte, embaralhava seus sentidos. Yacamim cerrou seus olhos para enxergar melhor. Alguns animais se banhavam no riacho. Foi então que seu coração acelerou. HUMANOS! Sua mente gritou em pânico. Havia pessoas, algumas de tamanhos enormes com aberrações horripilantes saltando de seus corpos. Como?! Ele se perguntou. Elas vagavam pelo vale como que em uma espécie de transe. Sua mente conectava tudo agora, os demônios, os ataques na aldeia, as pessoas desapareci..

Inesperadamente seu pensamento foi cortado por um tremor na árvore em que estava. Olhou para baixo e lá estava um homem agarrando o tronco da árvore onde ele estava. De tamanho monstruoso e olhos vidrados, sua boca bufou e rugiu, os músculos saltaram de seus braços e ele arrancou árvore do chão. Yacamim

pulou para árvore ao lado e rapidamente envolveu o homem com raízes assim como fez com o javali. Mesmo preso o homem bateu o tronco que segurava contra a árvore de Yacamim.

O impacto acertou com tamanha força que Yacamim foi lançado para dentro do vale e com ele destroços da árvore em que estava voavam. Girou seu corpo, estendeu os braços na direção do chão que se aproximava, raízes e plantas surgiram conjuradas do chão e ele caiu no meio de tudo afundando-se ali com força.

Caído imóvel escutou o silêncio, ali no meio de todas as plantas e raízes em que estava enfiado, sentiu o cheiro de sua energia vital que o aguçou seus sentidos. O silêncio foi cortado por grunhidos terríveis de todos os cantos. Aterrorizou-se. Preciso chegar na árvore! Pensou. Levantou-se empurrando as folhas e plantas que estavam por cima. Um macaco pulou em direção a seu rosto, Yacamim enterrou sua lança bem no peito do animal que morreu imediatamente. Os gritos surgiam de toda as direções. Colocou suas duas mãos na terra, manipulou a energia vital e ao seu redor brotaram raízes grossas que agarraram os animais mais próximos. Estendeu sua mão para chão e uma nova lança brotou em segundos, arremessou-a na cabeça de uma mulher grotesca que avançava pelas raízes. Puxou do chão outra lança e continuou a batalha com as criaturas. Aguentou ali por alguns minutos, mas percebeu que sua

força parecia estar sendo sugada. As criaturas não paravam, quanto mais as matava mais apareciam. Em um momento de respiro Yacamim viu o caminho liberado por entre algumas criaturas e começou a correr por ele desesperadamente, os animais loucos o seguiam sedentos. Continuou sem olhar para trás, chegou na beira do riacho e pulou.

Um alívio imediato atingiu seu corpo ao contato com a água. Vou me recuperar, pensou, água é fonte natural de energia. Se manteve submerso e nadou em direção a árvore. Enquanto movimentava-se sentiu sua energia se esvaindo, seus braços logo perderam movimento. Tentou continuar, mas o resto de energia apenas mantinha-lhe o folego. Era impossível segurar mais, o medo dominou-o, imaginou se teria o mesmo destino de todas aquelas criaturas. Seus olhos se fecharam e ele não sentiu mais nada.

Yacamim sentiu calor perto de seu corpo. Percebeu que conseguia se mexer e tentou abrir os olhos. Estava entardecendo e uma fogueira crepitava ao seu lado. Do outro estava Iyamora sentada de costas para ele. Ele tocou seu corpo próprio corpo tentando entender, aos poucos levantou-se e sentiu como se tivesse dormido por dias, não tinha ideia do que realmente tinha

acontecido. Lembrou-se de estar dentro do riacho ao pé da Grande Árvore rodeado de criaturas sedentes por seu sangue.

Iyamora virou-se e o encarou. Os olhos verdes refletiam a fogueira intensamente. Ela respirou fundo.

Yacamim abriu a boca para falar.

— Você me salvou?

Dentro de sua cabeça Yacamin escutou uma voz que não tinha som, mas falava com ele. “Você nunca esteve lá de verdade. Tudo que você viu e sentiu foram parte de uma visão que lhe dei. Você precisava sentir na própria pele o que aconteceu naquele lugar, mas não estava preparado para enfrentá-lo de verdade. Então eu lhe dei uma visão do que aconteceria se você tentasse se aproximar”.

Quieto olhando para Iyamora, Yacamim se assustava. Ele teve certeza de que estivera perto da árvore, mas tudo fora uma ilusão. Os xamãs são seres magníficos pensou ele, ela esteve em minha mente o tempo todo.

— Por que você me mostrou tudo aquilo? Perguntou ele e Logo soube que na jornada por seu irmão enfrentaria algo parecido. O mesmo mal, pensou ele e lembrou-se da batalha violenta que teve com as criaturas do vale de quanto seus poderes foram necessários.

Yacamim se levantou, uma brisa leve acariciou seu rosto, sentiu o cheiro da floresta e a paz do local. Estava no topo da montanha

onde Iyamora vivia. Olhou em direção a sua aldeia. É hora de escolher tripulação! Pensou ele.

V

Akin abriu os olhos, estava deitado em sua rede na cabana. Já era de noite ele escutava o silêncio do acampamento, olhou para o lado, Fakuri e Kizuno dormiam. Como cheguei aqui, pensou ele. Se lembrava apenas de estar comendo sentado à mesa, o banquete estava extremamente delicioso. Se levantou para ir até a entrada da tenda tomar um ar fresco, no meio do caminho sentiu uma dor de dentro de sua barriga, ele abriu a boca e começou a vomitar. Quando parou uma queimação em sua barriga começou, igual a que sentira durante o ataque de Paku, desta parecia conseguir suportá-la. Puxou o couro que cobria sua barriga e viu que sua marca de nascença queimava e parecia estar em cor viva.

Tomou um susto e num súbito cambaleou para trás até se apoiar na parede. Devo estar sonhando! Pensou assustado, andou até onde estava sua rede fechou e se jogou nela como pode. Deitado, imaginou estar sonhando fechou os olhos e desejou sair daquele pesadelo.

O dia amanheceu frio e quandos primeiros feixes de luz entravam na tenda, Fakuri já se levantava.

— O que é isso no chão? Alarmou, ele.

Kizuno também acordou e foi olhar. Havia uma mancha no chão, como se algum líquido tivesse sido derramado, e dela pequenos rastros saíam em direção a boca da tenda.

— Nunca vi algo parecido, parece que algo rastejou daqui para fora da tenda. Disse olhando para Akin que ainda dormia. Caminhou até ele e balançou seu ombro.

— Acorde garoto.

Akin abriu os olhos e viu o rosto familiar de seu mestre, uma calma o atingiu e confortou-se sabendo que estava seguro. Levantou-se um pouco e viu Fakuri no meio da tenda.

— Parece que exageramos ontem em meu amigo? Disse Fakuri, soltando um riso alto — Um de nós deve ter vomitado de tanto beber.

— Podee.... Kizuno interrompeu a voz ao sentir que algo se movia bruscamente.

Akin pulou da rede até a mancha no chão, ficou lá olhando fixamente para ela. Não pode ser, não é possível! Pensou ele aterrorizado.

— O que foi!? Perguntou Kizuno subitamente.

Akin deu passos para trás e sentou-se na rede ainda respirando ofegante, olhou para Kizuno enquanto se acalmava. Inspirou fundo e começou a contar cada detalhe da noite passada para os dois companheiros.

— Nós precisamos ir embora hoje, algo aconteceu ontem à noite. Continuou ele depois de explicar tudo.

— Você sonhou isso tudo, Akin - Afirmou Fakuri. - Iremos embora na próxima manhã. Hoje discutiremos assuntos importantes com os líderes das outras tribos.

— Ma....

- É uma ordem! Interrompeu Fakuri ríspidamente antes que Akin terminasse. — Se aprontem e me encontrem lá fora.

Akin viu Fakuri sair para fora da tenda e então voltou seus olhos para Kizuno, que o encarava sério, porém suas sobrancelhas esboçavam dúvida. O garoto percebeu que seu mestre acreditava nele, mas algo o impedia de demonstrar.

Kizuno se levantou endireitou o couro que cobria seus ombros e seguiu para fora.

A manhã logo terminou e o restante do dia correu como esperado. Akin participou de algumas as reuniões estratégicas e nada pareceu anormal. Ao fim do dia, mais um jantar lhes foi oferecido, desta vez o jovem não se arriscou em vez disso observou a todos e se levantou antes que terminassem para ir dormir. A noite passou tranquilamente e no dia seguinte o grupo pegou seus equipamentos e deixou o acampamento Aimor ainda cedo.

A viagem de volta para Or'ri fora tranquila, Akin se manteve atento ao comportamento de seus dois companheiros, mas não notou nada de diferente. Os dois pareciam não se importar com o ocorrido em Aimor e Akin achou melhor esquecer também.

Era manhã quando o grupo começou a se aproximar da aldeia. Akin viu de longe que algumas pessoas pareciam os esperar no portão aldeia, estavam agitadas e pareciam gritar alguma coisa que ele não conseguia entender.

— TRAIADOR! Gritou alguém de longe.

— Agressor! Gritou outro

Akin olhou para seus companheiros buscando alguma compreensão do que estava acontecendo, mas os dois estavam espantados assim como ele. Aproximavam-se de algumas pessoas

quando uma delas arremessou uma pedra na direção de Akin, que teve que virar seu cavalo bruscamente para desviar. Mais pedras vieram na direção do jovem, agitando seu cavalo e fazendo-o cair no chão.

— Mas o que significa isso?!! Vociferou Fakuri, jogando seu cavalo entre o grupo de pessoas e Akin

— JUSTIÇA POR PAKU! Gritou alguém atrás. Kizuno já estava no chão ajudando Akin a se levantar, enquanto Fakuri espantava as pessoas.

— Voltem para seus afazeres! Agora! Gritou Fakuri e virou-se para Kizuno. — Reunião urgente em minha cabana leve o garoto com você. Disse ele e saiu cavalgando aldeia adentro passando por entre as pessoas. Akin e Kizuno montaram em seus cavalos rapidamente e adentraram Or'ri.

Passando por todos enquanto no caminho para tende Fakuri, sentiram a tensão e os murmúrios vindos dos aldeões. Olhares inquietos, alguns faziam questão de demonstrar sua raiva atirando palavras contra Akin. Nenhum deles teve coragem de fazer mais nada contra Akin, Fakuri estava de volta, seu líder e todos o respeitavam.

Chegando na tenda, deixaram seus cavalos no estábulo foram direto para dentro. Kizuno foi até Fakuri, que andava de um lado

para outro nervoso, para acalmá-lo. Fazendo o chefe sentar e respirar, então Kizuno também se sentou

Akin se sentou em frente aos dois e observou enquanto todos entravam na cabana. Estavam ali todos os altos cargos da aldeia, o chefe de armas, o curandeiro e muitos os outros que correram para a reunião convocada por Fakuri. Todos se olhavam e observavam esperando inquietos por algum movimento do chefe, sabiam que alguém seria responsabilizado por aquele ato de vandalismo, podia-se ver uma mistura de medo e respeito em seus rostos.

Após a chegada de todos, Fakuri se levantou.

— Quem de vocês pode me explicar o que acabou de acontecer? Lançou o chefe.

— Grande chefe guerreiro, estamos todos felizes com seu retorno. Anunciou o curandeiro enquanto se levantava — Enquanto estava fora Paku retornou muito machucado e está sob meus cuidados. Ele recebeu visitas e eu pude escutar murmúrios de suas conversas. Paku espalhou para todos que Akin tentara matá-lo a noite durante a viagem. O boato correu pela aldeia e os ferimentos de Paku fizeram alguns acreditarem.

— Presumo que Paku tenha usado de antigas desavenças para atrair alguns para seu lado. Afirmou o chefe.

Enquanto isso, podia-se ouvir passos de várias pessoas fora da tenda, a população se juntava ali. Resmungos e murmúrios altos começaram a ser ouvidos.

Fakuri olhou diretamente para Akin que olhava aflito para os lados.

— Akin, vá para casa de sua mãe na floresta. Passe alguns dias longe de todos até que essa situação se aplaque. Disse Fakuri apontando para uma saída atrás da tenda. Akin se levantou imediatamente.

— Não poderei ser completamente complacente com você Akin. Interrompeu Fakuri antes da saída do jovem. — Paku tem apoio de alguns da tribo e como líder não fechar os olhos para isso. Sendo assim você enfrentará Paku em uma luta limpa quando chegar a hora.

Akin estava de frente para a saída, encarou todos que estavam ali. Um pavor lhe subiu o corpo ao sentir a massa que gritava do lado de fora. Sabia que não tinha saída, precisava provar sua verdade sob as leis da aldeia. Olhou para Fakuri, tentou tranquilizar seu rosto e acenou afirmativamente.

Fakuri se voltou para Kizuno.

— Venha comigo. Disse caminhando para fora da tenda.

Chegando do lado de fora, o povo esperava ansioso por seu líder e apesar do respeito por ele, manifestações como aquela eram comuns na tribo Or'ri. Fakuri tinha conquistado liderança e o respeito de todos dando-lhes o poder de fala, todos sabiam que podiam se manifestar e falar o que pensavam. O chefe os escutaria tomaria uma decisão sábia.

— A tradição foi quebrada! Gritou o um homem no meio da multidão, seguido por outros berros a frente da tenda do Chefe.

— Akin tent... A voz vinda da multidão sufocou com o silêncio repentino.

Fakuri colocou seu rosto para fora e logo todo o corpo, seguido por Kizuno que apresentava uma feição tranquila, estava acostumado com aquelas situações e confiava plenamente em seu amigo.

O chefe se posicionou ereto na frente do povo que ansiava por sua fala, alimentou o silêncio por mais alguns instantes analisando o olhar de cada um deles. Viu que alguns olharam para baixo em respeito, viu também que alguns o encaravam com certa imponência desafiante eram estes os que mais acreditavam em Paku.

— Vocês me acusam de ter quebrado a tradição e a Akin de ter tentado contra a vida de Paku. Afirmou, Fakuri com a voz direta sem demonstrar nenhuma incerteza. De qual tradição falam? Gritou

ele. Essa tribo já abandonou várias. Disse ele seriamente e muitos abaixaram a cabeça — Lembro-me bem que no inverno passado realizamos o ritual de passagem dos jovens e Akin foi amplamente convidado a participar e tão oficialmente aceito como um de nós. Portanto, ao levá-lo comigo na viagem para o acampamento Aimor estive apenas continuando seu treinamento como guerreiro. Aquele que conseguir provar o contrário sintase livre ou então retirarei a acusação. Argumentou o chefe tranquilamente.

Fakuri varreu com os olhos a população e percebeu alguns que se entreolharem, murmúrios e resmungos começaram, mas nenhum quebrou o silêncio geral.

— Agora a situação de Paku e Akin. Não sabemos o que aconteceu de verdade naquela noite, encontramos Akin e Paku estirados no chão ambos machucados, cada um com a sua verdade. Disse o chefe caminhando na frente da multidão. — Mesmo assim. Continuou. O fato não pode ser ignorado e por isso decido por um combate justo. - A população se agitou.com a fala. — Os dois deverão se enfrentar em Torukar e que destino decida por suas vidas.

— Que o melhor guerreiro vença! Gritou Kizuno.

A multidão ergueu as mãos e urrou com seus pulmões. Kizuno os observava gritar atrás de Fakuri. Um verdadeiro líder dá ao povo

as palavras que ele quer ouvir. Pensou ele, admirando-se mais uma vez com seu amigo.

Aos poucos cada um dali foi se dispersando e voltando aos seus afazeres da aldeia, logo as novidades chegariam aos ouvidos de Paku que ainda se recuperava dos ferimentos.

Akin saiu por trás da tenda do chefe e caminhou por um caminho estreito que levava para fora da aldeia. Passou por cabanas abaixado e nesse momento escutou a multidão gritar lá atrás, preferiu continuar correndo e não olhar.

— Akin, espere! Gritou uma voz familiar.

Ele se virou. Chegavam correndo até ele Aina e Onay seus amigos e filhos de Fakuri. Pararam na frente dele ofegantes.

— O que está acontecendo Akin? Perguntou a garota, atropelando a própria respiração.

Os berros da multidão ao longe cortaram a voz de Akin, que desistiu de falar e fez sinal para que os dois irmãos o seguissem. Saíram os três pela parte de trás da aldeia em direção a casa da mãe de Akin.

Outrora quando a planície dos povos não tinha paz, a tribo Or'ri enfrentava problemas externos e internos. Foi quando uma jovem moça chamada Uthane chegou na aldeia carregando uma criança. Os povos da planície enfrentaram muitos inimigos vindos do Norte e por isso nunca aceitavam forasteiros, eram extremamente tradicionais. Uthane pediu abrigo para seu filho e disse que iria embora se cuidassem dele. O chefe não aceitou e expulsou-a da aldeia junto do bebê. A mulher saiu de Or'ri sem saber o que fazer e foi encontrada por Fakuri que a levou escondido para cabana. Lá ela contou que vinha do norte desamparada e não sabia mais o que fazer. Então ele prometeu que se vencesse a rebelião que estava lutando iria ajudá-la, e assim o fez. Venceu a rebelião e designou seu amigo de confiança para cuidado do bebê. Kizuno aceitou de bom grado e depois de um tempo, fez dele seu aprendiz.

A rebelião deixou marcas na tribo Or'ri. O chefe deposto era pai de Paku e acabou morrendo ao enfrentar Fakuri. Paku cresceu atribuindo a culpa ao garoto estrangeiro que deu início a tudo aquilo.

O tempo passou e Akin teve dificuldade em se envolver com a tribo sendo aceito por alguns e rejeitados por outros. Cresceu junto dos filhos de Fakuri um menino e uma menina que hoje era agricultores na aldeia. Os três se conheceram quando pequenos e se tornaram amigos desde então.

Os três já se afastavam da aldeia e podiam avistar algumas árvores ao longe. Uthane morava em uma cabana dentro da floresta as margens da tribo Or'ri junto com a velha curandeira. Em instantes os três alcançaram a floresta e nela entraram.

Enquanto passava pelas árvores, Akin respirou fundo, sentindo o ar fresco da mata, algo lhe fazia bem ali. Gostava de estar próximo a natureza. Alguns metros adentro, pararam em frente à uma clareira que tinha uma cabana velha feita de madeira no centro. Aliás, parecia mais ser feita de musgos e plantas do que de madeira. Em volta da pequena cabana cresciam temperos e ervas assim como algumas árvores frutíferas. Eles entraram na clareira e seguiram por um estreito caminho de pedras cuidadosamente colocadas que levava para a porta. Se aproximaram e bateram na porta que fez um barulho surdo. Uthane abriu. Akin ficou feliz em ver o rosto da mãe que logo se alegrou em vê-lo. Atrás dela a velha curandeira chamada Chinu apareceu para ver quem batia em sua porta.

Adicionar descrição da mãe de akin

Akin e seus amigos entraram na e caminharam até uma fogueira apagada que se encontrava no canto. A cabana tinha cheiro de erva queimadas e de planta molhada. Em cada canto viam-se objetos estranhos, como galhos retorcidos pendurados; ervas amarradas em brasa; cumbucas de madeira com sabe-se-lá o que

dentro. Chinu morava longe da aldeia, mas recebia muitas visitas às escondidas e por isso fabricava diversos remédios naturais para a população.

Sentaram-se todos à beira da fogueira e Akin começou a contar tudo o que lhe tinha acontecido nos últimos dias. Reparou que todos demonstravam preocupação, e no momento que contou sobre seu vômito e algo ter rastejado dele, Chinu arregalou os olhos e se levantou, parecia estar tentando se lembrar de algo.

Ao fim ele contou como Paku manipulou algumas pessoas da tribo e sobre a decisão de Fakuri. Ele terminou e estendeu a mão para pegar um copo de pedra com um pouco de água. Todos o observavam quietos.

— Como você está agora, meu filho? Perguntou Uthane ignorando qualquer outro detalhe. O jovem percebeu a sinceridade nos olhos da mãe.

— Estou bem mãe, Paku não conseguiu me machucar.

— Torukar daqui uns dias. Disse Onay. — Você precisa treinar. Continuou ele. — Nós podemos trazer alguns equipamentos e treinar aqui com você enquanto as coisas esfriam na aldeia. Disse ele olhando com um semblante de esperança

Akin sentiu o calor do apoio por um momento e se deixou esvaír das preocupações, focando naquele instante ao lado de quem se preocupava com ele. Relaxou e sentiu-se em casa.

A velha curandeira se aproximou de Akin, os cabelos brancos contrastavam com a pele negra, à luz da fogueira suas feições ficavam fundas e olhar ela penetrante como de uma serpente, ela usava o que parecia um tecido longo no corpo e tinha pulseiras e cordões feitos de pedras e brincos de osso nas orelhas.

— Vamos manter os olhos em você, estou intrigada com seu vômito e mais ainda com as marcas no chão que você diz ter visto. Disse ela friamente.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes encarando uns aos outros. Momentos depois a noite caía, Onay e Aina se despediram de Akin e voltaram para Aldeia.

Passaram-se seis dias, e como combinado, Onay e sua irmã Aina levaram alguns equipamentos de treino para ajudar Akin durante aqueles dias.

Naquela noite, Uthane e Chinu acordaram com barulhos estranhos do outro lado da cabana. As brasas da fogueira forneciam uma luz bruxuleante que batia na face de Akin que estava sentado

em sua cama olhando para o nada. O silêncio da madrugada foi cortada por palavras inteligíveis que saíam da boca do jovem, as duas mulheres se olharam aterrorizadas.

Chinu fez sinal para que Uthane ficasse parada, ela se levantou cuidadosamente e foi até um pequeno cesto que continha alguns ramos de ervas. Calmamente as pegou e jogou em uma cumbuca, caminhou para outro lado jogou um pó vermelho dentro, pegou seu pilão e começou a triturar com força. Um cheiro acre subiu no ambiente. Chinu foi até perto da brasa e com ajuda do pilão empurrou uns pedaços de madeira incandescente para dentro da cumbuca que logo começou a exalar uma fumaça, Chinu se aproximou sorrateiramente de Akin e colocou a fumaça perto de seu nariz, para que o jovem respirasse. A fumaça tinha um cheiro ainda mais forte que fez o nariz de Uthane arder e seu estomago embrulhar. Ela correu e pegou um tecido para tampar o nariz e a boca.

Chinu se mantinha de pé na frente de Akin que inalava a fumaça, de repente o jovem vomitou diretamente no chão e caiu para o lado sendo amparado por sua rede. A velha encostou a mão em sua testa que ardia em febre e abaixou-se para ver o vômito.

— Vermes. Disse Chinu — Seu filho está infectado. Afirmou ela.

— O que !? Perguntou Uthane desesperada

— Eu não sei, mas as palavras que ele dizia pareciam ser de um dialeto antigo. Disse ela levantando-se. — Seja o que for, nós vamos extrair dele. Disse a velha olhando para Uthane.

No dia seguinte, ao raiar do sol Uthane saiu para colher algumas plantas enquanto a velha curandeira preparava o ritual de Akin, que ainda dormia em sono profundo.

Abaixada enquanto colhia um pouco de gengibre para Chinu, Uthane pensava em Akin e temia por sua vida, não conseguia imaginar falhar com ele. Levantou-se e foi caminhando para próximo da cabana, hesitou por um instante lembrando de como Chinu tinha sido boa pra ela todos esses anos, sentiu uma sensação de alívio no corpo e então adentrou a cabana.

Lá dentro tochas estavam acesas em todas as parede, Chinu se aproximou e tomou o gengibre da mão de Uthane jogou em uma bancada e começou a amassá-lo.

Akin estava deitado nu no chão ao lado da fogueira, o corpo com inscrições antigas de cura do povo Or'ri, pintadas em cor verde musgo. A velha curandeira agora tinha nas mãos uma cuia e amassava o gengibre junto de um líquido escuro.

— Prepare-se. Disse Chinu. — Quando ele beber este líquido espere meu sinal e jogue isto no fogo. Uthane estendeu a mão para

pegar um pequeno saco de couro e viu dentro um pó branco, parecia ser sal misturado com algumas raízes.

Chinu ajoelhou-se ao lado de Akin, levou a cuia até sua boca e derramou o líquido segurando levemente sua cabeça para cima. Levantou-se e começou a fazer movimentos com as mãos em cima de Akin. Uthane observou atentamente, sua mente estava vidrada em Chinu, ela se mexia como se puxasse algo de dentro do jovem, as mãos iam e vinham de baixo para cima.

A energia da cabana ficou pesada e o ar denso, algo estava vindo. A boca de Akin se abriu e uma fumaça fina começou a sair dela. Chinu intensificou os movimentos e olhou de relance para Uthane indicando que o momento estava chegando. Uthane concentrou suas energias em seu filho, iria salvá-lo a qualquer custo. A fumaça continuava a transbordar da boca de Akin e agora possuía um tom de um roxo tenebroso infectante.

Chinu fez um movimento ágil e a fumaça saiu por completo chegando ao teto da cabana. Uthane sentiu o frenesi na cor, estava com a mente presa paralisada. Sentiu que devia inalar aquela fumaça, podia quase escutar ela a chamando.

Chinu olhou para Uthane, pulou por cima de Akin e pegou saquinho de couro da mão da mulher, sem hesitar o arremessou nas brasas.

Um estouro subiu da fogueira com contato das substâncias, uma fumaça esverdeada encheu completamente a cabana. Chinu e Uthane afastaram-se subitamente.

— O que deu em você mulher!? Perguntou Chinu, ofegante. Uthane olhou para ela atônita sem conseguir responder. Chinu franziu o cenho.

— Seja o que for, nós espantamos. Disse ela, caminhando até Akin. Pegou o tecido que estava sobre sua cama e jogou por cima, cobrindo suas partes. — Vamos deixá-lo descansar. Completou ela.

VI

Amanhecia quente naquele dia no assentamento e brisa do mar serenava por entre os tecidos das tendas, os aldeões já se levantavam para iniciar o comércio das especiarias.

Na tenda central, os três irmãos ainda dormiam quando o mensageiro entrou;

— Chefe Akinar, permita-me a intromissão. Disse o mensageiro. Um homem de pele morena avermelhada se levantou da rede e olhou para ele, tinha os cabelos longos escuros, e o corpo pintado com inscrições tribais em tinta vermelha.

— Diga. Disse Akinar. Olhando para seu pequeno irmão Yacamin que também acordara.

— O comandante do povoado vizinho está e diz que precisa vê-lo urgentemente. Afirmou o mensageiro. Akin franziu o cenho e assentiu que iria. Levantou-se e foi até Yacamin.

— Continue dormindo meu irmãozinho, mais tarde vamos treinar um pouco. Disse afagando o cabelo do garoto. Olhou para outro lado onde estava “nome do 3 irmão” que ainda dormia virado para canto

Akin saiu da tenda e dirigiu-se a entrada do assentamento onde alguns homens o esperavam. Ao aproximar-se Akin notou que

alguns seguravam lanças e outros arcos. Ele acenou para que alguns de seus guerreiros chegassem perto junto dele para conversarem com os homens.

Akin parou na frente dos homens e atrás dele três guerreiros segurando lanças.

— Meu nome é Akinar de “”, chefe deste assentamento. Disse ele, se apresentando. Um homem de cabelo mal raspado sujo e pele morena clara olhou para Akinar com os olhos cerrados e deu um passo à frente.

— Chefe Akinar. Disse o homem coçando a barba. Meu nome é Zarak sou comandante do povoado vizinho e venho pedir sua ajuda. Completou ele. Akin apenas acenou para que continuasse. — Ouvi por aí que você tem poderes sobrenaturais. Disse o homem com um sorriso no rosto. — Queremos sua ajuda para tomar uma tribo chamada Tuk que fica a dois dias daqui. Antes que homem terminasse Akin já balançava a cabeça olhando para o chão.

— Nosso poder não é para isso. Disse Akinar imediatamente.

— Você pode ficar com o quiser nós queremos apenas o território. Retrucou o homem.

— Saia do meu assentamento agora! Disse Akin com firmeza e virou-se para retornar ao assentamento. O homem ficou ali parado enquanto via Akin voltando para dentro.

— Você não conhece este continente! Berrou ele, virando-se para ir embora.

Akinar dava em passos pesados em direção ao centro do assentamento quando seu conselheiro chegou perto e encostou seu ombro. Ele se virou imediatamente.

— Reforce a segurança do assentamento, assim que terminamos este comércio vamos voltar para “”. Disse Akinar com olhar sério e preocupado.

Naquele dia, Zarak retornou para seu povoado junto de seus homens e no caminho comentou sobre audácia daquele estrangeiro que lhe havia negado ajuda, “quem ele pensa que é” resmungou para um. “Ele não nos conhece” falou com outro.

Ao chegar em seu povoado ordenou que os homens comemorassem, pois nos próximos dias partiria para tomar o território dos Tuk. A noite caiu e Zarak bebeu junto de seus homens até não aguentar mais, mas diferente deles, ele não ficava bêbado com aquela bebida fermentada feita pelo curandeiro. Vendo seus homens caídos pelos cantos, decidiu dar uma volta e caminhar na mata.

Saiu pela entrada da aldeia e foi caminhando até adentrar a mata, enquanto pensava em formas estratégicas de vencer os Tuk. Zarak já tinha caminhado por alguns minutos quando se deu conta de era hora de voltar, naquele momento que estava prestes a virar de volta, viu algo se movimentando bem à sua frente em um arbusto. Um focinho branco surgiu e logo olhos brilhantes que refletiam a luz da lua o encaravam, um lobo branco aparecia. Atrás da fera mais olhos podiam ser vistos na escuridão, Zarak estava diante de uma matilha.

O homem foi dando passos para trás devagar levemente abaixado ao mesmo tempo que tateava o chão para encontrar qualquer tipo galho ou pedra para se defender. A matilha aos poucos instintivamente o cercava, Zarak contou quatro lobos na sua frente, continuou andando para trás antes que eles o atacassem, até momento em que conseguiu pegar um galho firme do chão. Um dos lobos pulou em sua direção ele acertou sua cabeça com o galho e começou a correr. A matilha imediatamente começou a caçá-lo. Zarak corria na escuridão enxergando pouco e sentindo as feras em seu encalço. Um dos lobos pulou em suas costas e mordeu seu ombro direito, o homem berrou de dor e deu uma ombrada enquanto continuava a correr, desta vez já cambaleando. O lobo mais uma vez pulou em suas costas Zarak caiu e os dois saíram

rolando juntos até caírem em uma espécie de caverna que estava de baixo de um enorme tronco quebrado. Os dois rolaram caverna adentro até chegarem ao que parecia ser o fundo. Zarak sangrava muito e não enxergava nada ali, engatinhou com as mãos no chão até encontrar uma pedra, encostou as costas em uma parede. Respirou fundo e escutou que a fera estava perto dele e já se levantava, Zarak guiando-se pelo som não hesitou e começou a golpear o animal com pedra até que este não se movesse mais. Sentiu sangue escorrendo lhe pela cabeça, provavelmente havia batida na queda. Já não conseguia se manter ajoelhado, seu corpo caiu em cima do animal e ele se jogou para lado encostando as costas no chão. Uma poça de sangue se formava em baixo dele. Zarak tossiu engasgado, recostou a cabeça no chão e vagorosamente fechou os olhos.

Passaram-se alguns dias desde a visita de Zarak ao assentamento “”. Akinar havia ordenado mudanças na segurança e enviado uma mensagem para sua terra natal pedindo orientações para seu chefe. O assentamento existia há anos e nunca havia tido problemas com a população nativa.

Akinar almoçava junto de seus irmãos dentro da cabana quando escutou um alvoroço do lado de fora. Caminhou até a saída

da cabana e botou a cabeça para fora. O alvoraço vinha da entrada do assentamento onde uma mulher de cabelos longos pretos ao vento passava a cavalo em alta velocidade enquanto os guardas tentavam pegá-la. Akinar saiu rapidamente da cabana.

— Parem! Gritou ele. — Eu a conheço. Disse gritando mais uma vez enquanto corria em direção a confusão. Ao sinal de Akinar os homens pararam e a mulher conseguiu passagem livre. Akinar levantou os braços e acenou para a mulher que parecia nervosa em cima do cavalo.

— Akinar! Gritou ela em desespero. A mulher desceu do cavalo aos prantos e correu em direção a Akinar.

— Uthane! O que foi, meu amor? Perguntou Akinar recebendo a moça em seus braços.

— Ele destruiu meu vilarejo! Balbuciou ela em prantos já em seus braços.

— Do que você está falando? Perguntou ele novamente. A mulher perdeu as forças nas pernas e se ajoelhou ainda chorando. Akinar abaixou-se para sustentá-la.

— Zarak atacou meu vilarejo com seus homens. Disse ela — Não tivemos chance, nunca vi nada como aquilo. Disse ela enquanto chorava. — Eu estava voltando da colheita e avistei de longe enquanto ele dilacerava todos com um tipo de magia. Logo

então gritou para seus guerreiros que iria para aldeia Tuk. Akinar olhava para ela sem entender. A curandeira chegou e segurou Uthane em seus braços enquanto oferecia-lhe um pouco de água. Akinar levantou-se e acenou para que seu irmão “”. Seu irmão que observava a situação se aproximou.

— Irmão vá ao cais e conte quantos barcos e lugares nós temos agora mesmo. Disse percebendo o olhar de espanto de seu irmão.

— Seja firme e chame o barqueiro e avise para ele preparar todos os barcos. “” acenou com a cabeça e saiu em direção ao cais na mesma hora. Akinar pegou Uthane nos braços e levou-a até a tenda da curandeira. Havia algumas redes e uma fogueira com restos de brasa. Abaixou-se e colocou Uthane em uma rede macia, pegou um pouco de palha colocou atrás de sua cabeça. A mulher olhou-o nos olhos, Akinar sentiu a mão dela em sua nuca aproximando sua cabeça da dele, até se beijarem. Os dois ficaram ali parados por instantes sentindo a respiração um do outro.

— Eu sinto muito. Disse Akinar com olhos abaixados. Uthane levantou sua cabeça.

— Depois de Tuk, ele virá para cá. Disse ela olhando fundo em seus olhos.

— Eu sei. Respondeu ele.

VII

O sol estava a pino e aldeia movimentava-se. Pessoas caminhavam para todos os lados carregando plantas, amolando pedras para lanças; cuidando das crianças e jovens. Yacamim caminhava em um passo tranquilo em direção a cabana do chefe, enquanto todos por quem passava o cumprimentavam e sorriam para ele.

Continuou caminhando até chegar na entrada de uma tenda onde dois guardas com lanças estavam em pé, logo que o viram abriram passagem reconhecendo o rosto familiar. Yacamim entrou.

A tenda era grande e feita de tecido, tinha dois locais para fogueiras e vários para sentar-se. O cheiro doce característico de uma planta nativa pairava no local. No lado oposto a entrada, estava Ibau o chefe. Tinha pele morena clara, cabelos longos trançados da cor pretos que pendiam por seus ombros. O corpo do chefe era inteiramente pintado com inscrições tribais em várias cores. Sentado, o homem olhou Yacamim e abriu um grande sorriso.

— Meu grande amigo! Espero que hoje não tenha vindo me chamar para beber, estou muito ocupado. Disse Ibau enquanto ria;

— Não desta vez, meu chefe. Disse Yacamim com a expressão levemente séria no rosto.

Ibau entendeu tão logo olhou para os olhos do amigo. Os dois tinham uma relação muito próxima, quando Yacamim retornou sem os irmãos do assentamento no continente Oke, Ibau se tornou um parente para ele. No último ano quando o pai de Ibau faleceu deixando o lugar na liderança, Yacamim estava ao seu lado para apoiá-lo. Havia construído uma relação de confiança, amizade e respeito ao longo dos anos.

— Está certo. Disse o chefe. — E agora?

— Minha jornada começa aqui, com o seu apoio vou encontrar meu destino. Respondeu Yacamim.

Yacamim contou tudo o que viu e viveu nos últimos dias e Ibau o encarou incrédulo. Quando seu amigo lhe contou que sentiu a sensação de morrer e depois acordar ele se assustou mais ainda.

— Você é poderoso e mesmo assim não conseguiu sobreviver a visão da xamã. Como pensa que pode enfrentar sem saber o que te espera? As outras aldeias temem o pior e proibiram qualquer contato com outro continente. Afirmou Ibau.

— Eu confio na xamã. Ela disse que estou preparado. Irei em uma pequena equipe. Disse Yacamim com certeza em suas palavras.

— Preciso de um barqueiro para guiar me guiar no trajeto, alguns homens para remar. Continuou ele. Ibau olhou para seu amigo sabendo que não conseguiria impedi-lo.

— Como ficaremos sem você na linhas defesa contra as criaturas possuídas que tem atacado a aldeia? Perguntou Ibau preocupado. Yacamim olhou para ele.

— Eu não vou demorar, meu amigo. Respondeu Yacamin colocando a mão nos ombros de Ibau. — Além disso, instalei armadilhas e criei barreiras por toda extensão da aldeia. Estamos seguros por um tempo. Ibau estava sério e então seu rosto abriu uma feição de tranquila

- Que seja! Convenceu-se Ibau. - Ninguém saberá disso, apenas eu, você e sua equipe. Escolherei os melhores para te acompanhar. Encontre-me aqui pela manhã de amanhã e terei sua equipe

Yacamim cumprimentou seu chefe e saiu.

— Acorde. Disse o guarda com a cabeça dentro da tenda de Yacamin. — Yacamin! Chamou ele, vendo o homem se mexer na rede que dormia. — Ibau o espera na tenda principal.

Yacamim abriu os olhos e acenou com a mão. Passou a noite arrumando seus pertences para a viagem e dormira demais. Vestiu-

se e saiu de sua tenda a caminho do encontro com o chefe. Caminhando pela aldeia avistou alguns aldeões carregando o que parecia ser uma criatura morta capturada em uma das armadilhas, parecia ser um urso com deformações grotescas nas costas. Yacamin respirou fundo, lembrou-se da ilusão que teve sob o comando de Iyamora, sentiu um frio na espinha enquanto olhava a criatura. Como tinha sido real, pensou ele. Afastou os pensamentos da mente e continuou andando até avistar a tenda de Ibau.

Os guardas abriram passagem e Yacamim entrou. Lá dentro três pessoas lá o aguardavam, Ibau o esperava sentado e em pé ao lado dele estavam uma garota de rosto fino e bonito, cabelos longos escorriam-lhe a face, ao lado dela um homem robusto com um cabelo preso em um pequeno rabo de cavalo. Ambos usavam vestimentas de guerreiro com couros rígidos no torso e cintura.

— Então está é minha equipe. Disse Yacamim ao entrar. Ibau o fitou animado e se levantou.

— Está é Dara Apontou para garota que fitava Yacamim com olhar determinado. — Enfrentou todos os ataques a aldeia e saiu sem nenhum arranhão. Veloz como uma raposa e com uma visão de ave de rapina. Pode confiar sua vida nela. Afirmou Ibau orgulhoso.

Yacamim olhou intrigado, os ataques contra aldeia eram violentos poucos conseguiam voltar sem se machucar, certamente aquela garota era a diferente.

— Este aqui é - Ibau cortou sua voz acertando um tabefe no ombro do homem a sua frente que olhava indiscretamente para Dara. Yacamim franziu o cenho.

— Como eu ia dizendo, este é Rakori, o filho mais velho do barqueiro. Forte como um touro, será seu guia na viagem pelo mar e seu braço direito nos perigos em terra firme. Rakori empertigou-se com as palavras à seu respeito. — O restante dos tripulantes estará à sua espera amanhã na costa fora da aldeia. Continuou Ibau. — Quando chegarem ao outro continente a tripulação esperará vocês por 10 luas, nem mais nem menos. Afirmou Ibau, sem hesitar. Estejam de volta neste tempo, caso contrário eles partirão sem vocês. Completou secamente. Yacamin viu Dara e Rakori engolirem aquelas palavras como areia, as últimas expedições ao continente Oke não tiveram o retorno esperado.

— Muito bem. Confio em suas palavras velho amigo. Disse Yacamim enquanto se virava para os dois jovens. — Não pensem que essa viagem será divertida. Advertiu ele. — Enfrentaremos o desconhecido então preparem-se para o pior. Despeçam-se de seus familiares dizendo que me acompanharam em uma missão de

proteção a um ancião da aldeia até outra aldeia, depois me encontrem em minha cabana para que realizarmos alguns rituais de proteção e força. Partiremos ao nascer do sol.

Os jovens assentiram com a cabeça juntamente ao fim das palavras de Yacamin.

O dia passou e mais tarde Dara e Rakori estavam em pé em frente á tenda de Yacamin. Rakori segurava uma lança enorme apoiada nos ombros e Dara carregava nas costas uma aljava cheia de flechas e um arco curvado que tinha quase seu tamanho. Enquanto estavam ali parados, avistaram Yacamin chegando carregando algumas cuias de barro. Yacamin chegou perto, e parou observando os dois.

— Agora entendo porque vocês são os melhores. Disse Yacamin logo que chegou. — Onde conseguiu essa pedra em sua lança Rakori?

— É obsidiana vermelha. Akinar fez para meu pai há muitos anos. Respondeu Rakori agora olhando para a pedra avermelhada. Yacamin olhou para a arma. Meu irmão sempre descumprindo as próprias regras, pensou ele.

— Belo arco Dara! Disse Yacamin olhando para a jovem.

— Você mesmo que fez. Disse ela sem entender.

— Eu sei. Completou Yacamin convencido. — Vamos entrando. Completou ele apontando para dentro de sua tenda.

Os dois jovens entraram seguidos por Yacamin atrás. Tenda tinha uma fogueira acesa no centro e várias cumbucas no chão, cada uma armazenando líquidos de cores diferentes.

— O que são essas coisas?. Perguntou Dara

— São pigmentos naturais de fortalecimento. Respondeu apontando para os dois jovens se sentarem próximos à fogueira.

— Você vai usar isso na gente? Perguntou Rakori. — Meu pai me disse que esse era um costume antigo e que hoje não funciona mais. Yacamin mergulhou as mãos em um pigmento vermelho sangue.

— Seu pai está certo e errado Rakori. Respondeu Yacamin mostrando a mão escorrendo pigmento. Os pigmentos são um meio de conexão dos nossos corpos com a energia da natureza, por meio deles a energia adentra nossa pele. Os guerreiros antigos acreditavam nessa força e pintavam seus corpos de várias cores recebendo diversos tipos de energia. Yacamin respingou o pigmento vermelho na brasa da fogueira, uma fumaça vermelha subiu. — As lendas mais antigas. Continuou ele, com os olhos vidrados na fumaça — Diziam que cada cor de pigmenta é capaz de fornecer uma energia diferente, as mais conhecidas são força, agilidade e

cura... Ele parou e respirou olhando para pedra obsidiana na ponta da lança de Rakori.

— Akinar tinha o corpo sempre pintadado de vermelho. Disse Dara olhando fixamente para pedra que refletia o fogo.

— Sim... Disse Yacamim pausadamente. — Meu irmão usava o pigmento da força e era capaz de manipular a energia dentro das pedras obsidinas. Ele parou hesitante. Pegou uma cumbuca com pigmento amarelo e estendeu para Dara. — Acredito que o pigmento amarelo melhora sua agilidade passe ele em seu corpo. Rakori você deve experimentar o vermelho. Disse levantado-se.

Dara e Rakori passaram seus dedos nos pigmentados e os levaram ao rosto. Enquanto isso, Yacamim pegou uma ramo de ervas que havia coletado mais cedo, passou no fogo para que chamuscasse. Uma leve fumaça de cheiro ardente começou a exalar do ramo. Yacamin colocou na frente dos jovens e virou para eles.

— Guardem um pouco para levar na viagem, vocês irão precisar.

VIII

Estava tudo escuro, Akin não sentia seu corpo, havia mato à sua volta o sentia roçar em suas pernas. Um pequeno feixe de luz surgiu bem na sua frente. Agora ele via que estava em uma planície, haviam pedaços de pedras vermelhas em brotando do chão. Ele começou a caminhar até o feixe de luz. Este local é familiar. Pensou ele. Seguindo aquela pequena luz percebeu que cabanas destruídas apareciam ao seu lado, era como se estivesse passando por uma antiga aldeia. Estava mais perto, e dessa vez as pedras eram enormes de cor vermelho escuro. Enxergou ao fundo uma fogueira e mais próximo ainda viu que alguém se sentava ao redor dela.

Chegou perto o suficiente para identificar que aquela pessoa era um homem. Akin se aproximou mais. O homem inclinou o rosto para cima deixando que luzes invadissem suas feições.

— Sente-se. Disse ele. Akin o encarou e então sentou-se em um tronco em frente ao homem.

Aparentava ser um homem de meia idade, os cabelos eram negros, longos e lisos, exibia laterais trançadas. Algo que Akin nunca havia visto. Tinha os braços pintados de vermelho em inscrições que Akin não conseguia identificar, era um dialeto muito diferente do povo Or'ri.

— Quem é você

— Faça as perguntas certas, garoto. Disse o homem fitando a fogueira. — Nós temos pouco tempo.

Akin observou o homem atentamente, nada indicava que ele pertencia a uma tribo da planície. Devia ser um homem do norte com certeza. Isto não pode ser um sonho, estou plenamente consciente. Pensou ele.

— Por que estou aqui? Perguntou Akin novamente.

— Você foi infectado, e nesse momento seu corpo está lutando. Estamos dentro da sua mente. Disse o homem encarando-o fixamente.

Um lampejo de luz iluminou o dorso do homem, na altura das costelas uma marca apareceu, um formato familiar, Akin pensou já tela visto em algum lugar. Percebendo interesse o homem se levantou e expondo por completo a marca.

— É uma marca de nascença e a origem de meu poder. Disse olhando amigavelmente.

Por alguns instantes Akin se sentiu muito bem ao lado daquele estranho, ele não entendia apenas sentia.

— Estou infectado? Se estamos em minha mente, como não sei quem você é? Perguntou Akin já ansioso atropelando as próprias perguntas.

O estranho sorriu para ele.

— Você precisa da minha ajuda para conseguir o que eu não consegui, mas agora não importa quem eu sou. Você precisa voltar, lute Akin, Or'ri precisa de você. Disse o homem aproximando-se do garoto, o homem tocou sua face com a palma da mão. Akin olhou nos olhos dele e sentiu algo interno se preenchendo, seus olhos encheram-se d'água. Os lábios do homem se mexeram como se ainda estivesse falando, mas Akin não ouvia mais nada, estava se afastando, sua visão turvou-se e então tudo era escuro novamente.

Abriu os olhos e respirou pesadamente. Ao seu lado uma mulher choramingava ajoelhada. Uma velha cozinhava algo nojento na fogueira, mas o cheiro parecia bom.

— Mãe?

— Akin! Berrou Uthane o abraçando. Akin apertou-a forte e sentiu o cheiro de seus cabelos em seu rosto.

— O que aconteceu? Perguntou ele ainda um pouco tonto.

Chinu chegou perto e entregou-lhe uma cuia com um tipo de sopa dentro. Akin olhou para ela, que franziu o cenho indicando para que ele tomasse um pouco. Akin foi melhorando e se sentou para conversar melhor.

Eles conversaram e o jovem contou sobre o estranho que conheceu em seu sonho. Uthane contou que seus amigos não

apareciam a alguns dias na cabana e ele estivera dormindo por quase 2 dias após o ritual.

— Irei descansar por hoje e partirei amanhã para Or'ri. Disse o Akin. Uthane olhou para ele com ar ainda preocupada, mas assentiu com cabeça.

Na manhã seguinte, Akin acordou, pegou alguns de seus equipamentos e se preparava para partir. Chinu caminhou até ele e estendeu a mão mostrando uma bolsa de couro com alguns alimentos e remédios dentro.

— Akin leve isso e entregue pessoalmente para Paku. Disse ela

— O que? Como assim? Perguntou o jovem.

— Paku deve estar muito e não pode comer da comida da aldeia, diga a ele para se alimentar somente disso. Você devera vir aqui buscar mais quando acabar. Explicou a velha.

— Paku tentou me matar! Como vou cuidar dele agora? Perguntou Akin tenso.

— Você precisa resolver isso com ele, ou os dois vão acabar se matando. Disse Chinu olhando firmemente pra ele.

— Obedeça a ela Akin, é melhor vocês se entenderem. Disse Uthane do outro canto da cabana. Akin esticou a mão e agarrou o saco desacreditado do que ter que fazer. Virou-se e saiu em direção

a aldeia. Uthane foi até a porta e parou ao de Chinu para ver o filho enquanto ia embora.

— Você sabe o que realmente salvou seu filho? Perguntou Chinu se virando. Uthane olhou para ela sem resposta — O combustível para que um ritual funcione não são as misturas e substâncias que usamos, elas são apenas catalisadoras. É preciso acreditar. Continuou ela e os olhos de Uthane se encheram d'água. - Só a verdadeira energia da vontade pode trazer alguém de volta e isso, você tem de sobra Uthane. Parece que Akin de alguma forma encontrou de voltar também. A velha passou por Uthane, que esfregava os olhos, e entrou na cabana.

— As feições do homem que ele disse ter conversado, se parecem com as do pai. Disse Uthane, se recompondo. —Seria impossível, os dois nunca se conheceram.

Chinu olhou para ela.

— Se as histórias que você conta de Akinar são verdadeiras, então não podemos duvidar de nada. Respondeu a curandeira com olhar sério para Uthane.

Akin saiu da floresta e tomou o caminho mais curto até Or'ri. Passou pelas plantações e logo avistou os portões da aldeia. Dois guardas acenaram para ele enquanto ele passava.

- Bom dia, Akin! Disse o primeiro aldeão que passou por ele, o garoto o encarou por instantes e continuou andando em direção ao interior da vila.

A aldeia estava em plena movimentação, pessoas trabalhavam e carregavam comida e ferramentas de um lado para outro. Não havia sinais do tumulto do dia em que chegara na aldeia. As coisas voltaram ao normal, pensou Akin.

Ele apressou o passo até cabana do chefe, esperando encontrar seu mestre Kizuno. Na porta os guardas sorriram para ele e abriram caminho.

Entrou na cabana, Fakuri e Kizuno estavam sentados rindo um com o outro no fundo.

— Garoto! Gritou Fakuri. Procuramos por você esses dias, onde estava?

— Você me mandou para casa de Chinu na floresta.

Fakuri olhou para ele sem entender e deu de ombros. Kizuno levantou-se e foi até o jovem.

— O que aconteceu com tumulto na aldeia daquele dia? Perguntou Akin antes que seu mestre falasse.

— Ah sim. Nós resolvemos tudo, não precisa se preocupar. Respondeu Kizua sorrindo enquanto olhava parado para frente. Akin observou seu mestre por instantes.

— Certo... Preciso levar isto para Paku, onde ele está? Perguntou Akin aos dois. Kizuno já se sentava e Fakuri olhava fixamente para ele sem se mexer. Akin deu alguns passos para trás e saiu rapidamente da cabana assustado. Parou do lado de fora ofegante. Olhou para um dos guardas na porta e perguntou

— Onde está Paku? O guarda apontou para ele e apontou para cabana do curandeiro que ficava ao leste da aldeia. Akin agradeceu e saiu andando.

Akin saiu andando apressadamente, meio atordoado. Quando de repente esbarra em um homem que carregava um tronco de madeira junto de outros três. O tronco cai e rola alguns metros para frente. Akin pede desculpas imediatamente e ao olhar para homens percebe que eram aqueles que tinham tentando jogar pedras nele no dia do tumulto.

— Me desculpem Disse ele logo. — Me desculpem eu não estava olhando. Disse ele nervoso agora. Os homens pararam calmamente. O mais próximo olhou para ele.

— Está tudo bem jovem, se quiser pode nos ajudar a carregar. Disse ele. Akin olhou e não conseguiu responder, apenas assentiu com a cabeça, abaixou-se e ajudou a erguer o tronco. Dali carregaram alguns metros para dentro de uma cabana cheia de ferramentas. Akin largou o tronco e nervoso se despediu dos

homens que acenaram para ele. Sem parar chegou à cabana do curandeiro e entrou. Parou lá dentro ofegante, olhando para o chão respirando rapidamente.

— Mas que merda você está fazendo aqui? Soou uma voz vinda mais de dentro da cabana, Akin levantou os olhos para ver de onde vinha e viu Paku deitado em uma rede com o dorso do peito e parte dorso do peito enfaixado com couros. Akin se levantou e andou em direção a ele.

— Não se aproxime de mim seu anormal! Avisou Paku, esticando a mão para o que parecia ser uma bengala feita de madeira.

— Paku, eu só vim trazer comidas e remédios que Chinu mandou para você. Paku soltou uma risada.

— E você acha que vou comer algo vindo de você e daquela velha maluca? Perguntou Paku com desdém.

— Eu também não queria estar aqui depois de você ter tentado me matar! Afirmou Akin sério e Paku apenas o observou — As coisas estão estranhas então ou você usa esses remédios ou você morre, tá entendendo? Avisou Akin com firmeza olhando nos olhos de Paku. — Por mim tanto faz, mas a velha pediu então estou aqui. Akin colocou a sacola de couro perto de alguns outros itens da cabana e saiu pisando duro antes que Paku pudesse responder.

Do lado de fora Akin respirava com raiva e ao mesmo tempo alívio, ao menos alguém naquele lugar tinha lhe tratado normalmente, mesmo que esse alguém fosse Paku.

Akin caminhou até uma tenda aberto e sentou-se em um pedaço de madeira pensativo, olhou para frente e viu todos trabalhando no sol, mais uma vez duas mulheres passaram por ele e sorriram. Ele abaixou a cabeça. Havia sido bem tratado por todos naquele dia, como isso poderia soar tão estranho, pensou.

Naquele momento, o dia já passava do meio da tarde e sol enfraquecia-se. Akin viu o curandeiro retornando para tenda de Paku. Chinul! Lembrou ele tendo uma ideia. Levantou-se rapidamente e saiu correndo direção tenda de Fakuri esperando que ele e Kizuno ainda estivesse lá. Atravessou mais uma vez aldeia e chegou na tenda onde encontrou os dois sentados igual havia deixado.

— Garoto! Gritou Fakuri novamente ao vê-lo. Kizuno permaneceu parado. Akin pegou os dois pelo braço e fez força para cima para que se levanta-sse.

— Vamos preciso mostrar uma coisa para vocês, rápido! Disse Akin

— Que divertido. Disse Fakuri abobado.

Akin saiu da cabana puxando os dois para frente, os guardas nem repararam e assim como ninguém da aldeia. Levou os dois para fora da aldeia em direção a cabana de Chinu. Os três chegaram lá e encontraram Chinu colhendo algumas hortaliças abaixada.

— O que é isso Akin? Perguntou vendo ele chegar com os dois praticamente de mãos dadas.

— Que lugar legal. Disse Kizuno. Chinu olhando para ele contendo-se para não rir.

— Chinu preciso de sua ajuda! Disse Akin desesperado, tropeçando com os dois. Uthane chegou correndo e deu apoio para seu filho.

— Vamos levá-los para dentro! Disse Chinu apoiando Fakuri em seu ombro.

Os cinco caminharam com cuidado e adentram na cabana, colocaram Fakuri e Kizuno deitados no chão, Chinu começou a vasculhar sua cabana atrás da sobra da mistura que usou em Akin naquela noite. Acho uma cuia com o final do líquido aproximou e despejou um pouquinho na boca de cada um dos dois. Fakuri e Kizuno começaram a se debater no chão, seus corpos faziam movimentos involuntários, os braços levantavam e batiam no chão os rostos faziam feições de medo bizarras. Até que der repente

aquietaram-se, ficando parados ali. Akin e Uthane observavam aterrorizados sem conseguir falar.

— Foi que pensei. Disse Chinu enquanto coçava os cabelos brancos. — Precisamos de mais desse antídoto e precisamos dele ainda mais forte que antes, a situação deles é pior do que sua Akin. Disse a velha encarando os dois corpos deitados. — Akin colha para mim agora uma planta que tem flores roxas e rosas atrás da cabana, eu preciso das raízes delas. Uthane colha o que conseguir de gengibre, vamos precisar de muito! Completou a velha e os dois imediatamente saíram correndo cabana afora.

Chinu corria de um lado para outro preparando os elementos para o ritual, amassou algumas raízes em uma cuia junto com algumas ervas, colocou brasa em ramo de galhos e passou por toda cabana. Jogou pó de cheiro acre na fogueira e uma fumaça forte subiu, ela olhou para o fogo por um instante. Olhou para tudo que tinha preparado e lembrou-se de quando era pequena e via sua mãe fazendo as mesmas coisas, contando a ela cada detalhes sobre as plantas, como amassar as ervas no pilão para fazer remédios, como preparar o local para um ritual. Chinu sentiu os olhos enxerem d'guá, tinha orgulho daquele saber ancestral passado de geração em geração e sentia-se bem sempre que ajudava alguém com ele. A

velha inspirou fundo sentindo os aromas diversos de sua cabana, hora de trazer esses dois de volta, pensou.

O entardecer chegou e as tochas já estavam acesas na cabana, Uthane e Akin entraram no local segurando cestos de palha repletos de raízes, pedaços de plantas e galhos. Chinu fez sinal para que eles jogassem tudo em uma grande bacia de pedra. A velha começou a amassar tudo junto com um pilão de pedra enorme, pegou uma mistura viscosa que parecia seiva de planta e despejou em cima. Continuou mexendo. Andou até o fundo da cabana afastou alguns cestos de palha com plantas diversas, pegou uma bolsa de couro velha empoeirada e foi até a fogueira, abaixou-se bem perto, abriu a bolsa e com a outra mão empurrar uma brasa para dentro dela. Levou a bolsa para cima da bacia de pedra e de repente o fundo da bolsa se dissolveu em uma espécie de reação com líquido interno, uma gosma vermelha escorreu caindo dentro da pedra. Novamente Chinu pegou o pilão e voltou a misturar.

— Extrato de raiz de quiribar. Disse velha percebendo os olhares compenetrados de Akin e Uthane. — Uma planta desintoxicante que cresce no território além da tribo Oin. Completou ela — Vou usar tudo que tenho e teremos o suficiente para os dois e provavelmente mais alguns. A velha pegou duas cuias

de madeira e mergulhou no líquido viscoso, estendeu para Akin e Uthane que pegaram logo.

— Derramem nas bocas deles. Disse Chinu, apontando para os dois deitados e assim Uthane e Akin fizeram.

Novamente os corpos dos homens começaram a se contorcer bizarramente, Akin segurou os braços de Kizuno enquanto Uthane estava tentando segurar Fakuri. Chinu arremessou pedaços de tecido para os dois.

— Protejam seus rostos e não respirem em cima deles! Gritou ela. **Adicionar vomito das larvas**. Assim que os dois se protegeram uma fumaça densa começou a sair da boca de Fakuri e Kizuno. Chinu fazia movimentos com ramos e galhos nas mãos empurrando a fumaça longe. A fumaça parou de sair e os corpos se aquietaram. Akin se jogou para o lado cansado e com braços doendo de tanto segurar Kizuno.

— Foi isso que aconteceu comigo?! Disse ele agitado e ofegante de tanta força para segurar Kizuno.

— Não sabemos como, mas seu corpo já combatia esse veneno. Disse Chinu enquanto abaixava para perto da bacia de pedra com a mistura de quiribar. — Eu apenas dei um empurrãozinho para você voltar. Completou ela colocando uma

tampa de palha sobre a pedra. Akin olhou para Uthane que estava parada pensativa.

— Mãe, você sabe alguma coisa? Perguntou o jovem. Uthane que olhava para o nada, virou-se para ele.

— É melhor dormirmos Akin, eles precisarão de nós de manhã. Respondeu ela dando as costas para ele em direção a uma das redes.

Naquela noite, nenhum dos três conseguiu dormir direito, remexiam-se em suas redes, acordavam desesperados olhando para os dois que ainda dormiam no centro da cabana. O dia já amanhecia quando Akin olhava para um galho trançado em forma circular pendurado no teto, o galho balançava levemente com vento que entrava pelas frestas da porta.

— Onde é que eu estou? Perguntou uma voz, Akin virou-se rapidamente. Fakuri estava sentado com a mão na cabeça. Ele estendeu a mão e sacudiu Kizuno que acordou tossindo.

— Minha cabeça dói muito. Afirmou Fakuri com voz falhada. Kizuno se sentou também e olhou em volta em busca de entendimento. Akin se levantou e foi até eles.

— Vocês estão na cabana de Chinu fora de Or'ri, eu os trouxe aqui para curá-los. Respondeu Akin.

— Curar? Perguntou Fakuri voltando seu olhar sério para o jovem.

— Vocês estavam fora de si, algo vil tomava seus corpos. Disse Chinu enquanto colocava uma panela de barro com algumas legumes frescos de sua plantação. — Fiz um ritual de desintoxicação e agora vocês estão livres. Kizuno olhava para frente com as mãos no rosto.

— Sinto como se tivesse ficado dormindo por dias. Disse Kizuno ainda atordoado.

— Precisamos voltar para Or'ri agora mesmo! Disse Fakuri tentando se levantar com dificuldade. Akin correu e o escorou para que não caísse.

— Vocês precisam se acalmar e escutar o que tenho a dizer. Afirmou Chinu seriamente. A velha trouxe cumbubas de barro com conteúdo semelhante a de uma sopa de legumes. — Tomem e escutem. Disse a velha sentando-se próximo a fogueira. Fakuri hesitou parado olhando para Kizuno que assentiu com a cabeça para que o amigo aceitasse.

— Akin começou com os primeiros efeitos na noite que em que vocês estavam no acampamento Aimor. Começou a contar Chinu. — De alguma forma o corpo do garoto reagiu ao

envenenamento. Vocês sentiram algo diferente naquele dia? Perguntou a velha olhando para os Fakuri e Kizuno.

— Para falar verdade, nós notamos que Mot'ar parecia maior do que sempre foi. Disse Kizuno. — Pode parecer loucura, mas ele estava muito maior.

— Tem mais uma coisa. Começou Akin — Notei que durante o banquete oferecido estávamos comendo como porcos, um frenesi tomou meu corpo, sequer percebi quando parei de comer. — Disse ele, agora se lembrando.

— Viram alguma presença diferente? Perguntou Chinu

— Havia uma pessoa no fundo da cabana central, Fakuri e eu vimos de relança, mas estava encapuzada. Comentou Kizuno.

— Pelo menos cinco pessoas de cada tribo da planície estavam naquele dia. Comentou Fakuri enquanto olhava para o nada de repente. Os outros olharam para ele imediatamente. — A planície dos povos é enorme, a notícia de um ataque correria facilmente e os inimigos seriam detidos antes que fizessem qualquer avanço em nosso território. Disse ele olhando dentro dos olhos de cada um ali.

— A menos que você tivesse a chance de neutralizar cada tribo de dentro para fora. Completou Chinu. — Enviando pessoas infectadas para cada aldeia, esperando que elas fizessem todo trabalho, enquanto você apenas espera para agir.

— Como isso seria possível? Perguntou Akin

— O como não importa mais. Cortou Kizuno. Supondo que eu Fakuri contamos a população desde o dia em que chegamos, o que faz quase quatro dias, todos em Or’ri estão chegando no estágio de contaminação em que eu e Fakuri estávamos. — Chinu quanto do antídoto você tem? Perguntou Kizuno à curandeira.

Chinu foi calmamente até a bacia de pedra, retirou a tampa de palha e parou pensativa encarando o líquido.

— Cerca de vinte a vinte e poucas doses. Respondeu ela.

— Temos a vantagem, o inimigo pensa que estamos todos infectados, agora só precisamos saber quando ele irá agir. Disse Kizuno.

— Torokar. Afirmou Akin. Kizuno olhou para ele pensativo.

— Certo, o momento perfeito a união de todas as tribos. Com certeza ele deve aparecer. Disse Kizuno.

— Chinu. Disse Fakuri se levantando. — Iremos usar o antídoto para acordar os melhores guerreiros de Or’ri e então bolaremos um plano até o dia de Torokar.

— E quanto as outras pessoas, chefe? Perguntou Kizuno.

— É nossa única saída amigo, não adianta salvá-las agora e depois sermos derrotados por este desconhecido. Disse Fakuri respirando longamente. Naquele momento, Akin teve um flash de

memória, Onay e Aina passaram por sua cabeça. Ele se levantou em desespero e saiu correndo para fora da cabana.

— Akin! Gritou Uthane com força. Enquanto isso, Kizuno já se levanta e ia atrás do jovem. Fakuri que observava a situação ainda sério se virou para Uthane e Chinu.

— Estejam preparadas, nós voltaremos em breve. Disse virando-se para sair da cabana.

Akin corria desesperado pela mata quase tropeçando nos galhos que passava, enquanto se dava conta que não via Onay e Aina fazia tempo. Podia escutar seu mestre gritando seu nome para que parasse por um segundo, mas não podia, precisava chegar até Onay e Aina. Quando de repente sentiu um corpo caindo em cima dele e o agarrando. Caiu no chão de costas e olhou para trás, era Kizuno tinha saltado para cima dele, agarrando-o.

— Me solte agora! Berrou Akin

— Controle-se Akin. Disse o mestre o segurando pelos braços. Akin tentou se debater, lágrimas escorriam de seus olhos.

— Onay e Aina... Disse baixo, como se choramingasse

— Nós vamos até eles Akin! Agora com isso! Repetiu Kizuno seriamente. — Nem sabemos o que estamos enfrentando, se você entrar assim na aldeia pode entregar toda nossa vantagem. Akin tentava engolir o choro, não sabia porque tinha se desesperado

somente naquele momento, se sentia estranho. Como poderia tudo aquilo estar acontecendo justo agora que as coisas estavam melhores na para ele na aldeia, pensava ele.

Kizuno saiu de cima do garoto e estendeu a mão para que ele se levantasse também.

— Preciso de você comigo, Akin. Disse Kizuno. Neste momento Fakuri chegou caminhando atrás dos dois carregando uma bolsa de couro.

— Aí estão vocês. Akin, você esqueceu a comida e os remédios de Paku. Disse Fakuri, mostrando a bolsa para o jovem. — Leve para ele e depois encontre a mim e Kizuno em minha tenda familiar. Lembrem-se, ajam naturalmente, não contém nada para ninguém. Completou o chefe firmemente.

Os três seguiram em direção à Or'ri, passando por algumas pessoas que pareciam trabalhar normalmente nos arredores da aldeia. Entraram pelo portão principal onde havia dois guardas que sequer se mexeram ou notaram sua presença. Lá dentro muitos trabalhavam normalmente e os três decidiram se misturar para entender melhor.

Akin foi direto para tenda de Paku para entregar sua comida e investigar um pouco, depois iria encontrar com Fakuri em sua **cabana** familiar, para ver como estavam Onay e Aina.

A akin se aproximava da tenda de Paku e ouvia alguém resmungar lá de dentro, ele parou por um instante e entrou.

— Eu não vou comer dessa comida, seu velho maluco. Afirmou alguém quando Akin entrava na cabana. Paku estava deitado na mesma rede de sempre, o rosto com um pouco mais de vigor. Na frente dele o velho curandeiro da aldeia estendia em uma colher de madeira com um pouco de comida para Paku.

Akin foi caminhando para dentro até que Paku notasse sua presença, fez sinal para que ele ficasse quieto. O jovem se aproximou do curandeiro e tocou seu ombro

— NatKir. Disse Akin, chamando o velho pelo nome. — Fakuri precisa de você na tenda central agora. Por um breve instante após a fala do jovem nada aconteceu, o velho ficou parado com sentado com a mão ainda esticada. De repente ele colocou a comida no chão ali mesmo, e sem dizer nada caminhou até diretamente até saída da tenda, passou por ela e não pode mais ser visto.

— Não pense que vou te agradecer por isso. Cortou Paku. Não sei o que deu nesse velho. Essa noite ele ficou em pé de frente para parede a noite inteira, sequer disse uma palavra. E agora estava tentando me dar essa comida à força. Completou ele. Akin estendeu a sacola de couro com comida e remédios até o alcance de Paku.

— Pegue. Disse Akin

Paku pegou com rosto de quem odiava aquilo, tentando mostrar indiferença.

— Não que somos amigos ou qualquer coisa você, sai daqui agora. Disse Paku olhando nos olhos de Akin — **Agora me diga, está acontecendo alguma coisa?** Perguntou ele. O jovem Akin apenas deu as costas e saiu da tenda ignorando-o.

Do lado de fora Akin respirou fundo e olhou ao redor. Havia várias pessoas trabalhando, carregando coisas pra lá e para cá, mas não pareciam estar ali realmente, pareciam estar em transe, assim como Fakuri e Kizuno no dia anterior. Akin começou a caminhar em direção a tenda onde Fakuri morava com sua família. Enquanto isso, afastava os pensamentos que vinham sobre Onay e Aina.

Chegou à tenda de Fakuri, e ali de frente pra ela parou antes de entrar. Engoliu em seco e encheu-se de esperança, a aldeia tinha muitos habitantes, não era possível que todos tivessem sido intoxicados em tão pouco tempo, pensou ele enquanto adentrava.

Lá dentro, avistou Fakuri em pé e na frente dele duas pessoas que pareciam, uma delas jogou a cabeça para lado para ver quem vinha entrando.

— Akin. Gritou a Aina logo ao vê-lo. Passou por Fakuri e foi eu sua direção, Onay que estava do lado foi também.

— Como você está Akin? Perguntou Onay abraçando Akin que ainda estava parado.

— Onay! Aina! Gritou Akin sem acreditar. — Vocês estão bem! Disse ele ainda abraçando os dois.

— Por que não estaríamos? Perguntou Aina.

— Vocês sumiram, pensei que algo pudesse ter acontecido. Respondeu Akin.

— Você que sumiu na verdade. Que dia voltou da viagem até Aimor? Perguntou Onay com olhar de dúvida. Akin respirou subitamente ao receber aquela pergunta.

— Já cheguei há dias, vocês não se lembram. Disse ele com dificuldade. Os dois olharam para ele sem entender, enquanto isso Fakuri apareceu atrás dos dois colocando as mãos em seus ombros.

— Onay, Aina. Disse Fakuri olhando nos olhos de Akin. — Por que não vão ajudar sua mãe na colheita? Akin está cansado da viagem. Aina e Onay assentiram e sem dizer nada passaram por Akin em direção a saída.

— Vamos seguir o plano Akin, não podemos alarmá-los. Disse Fakuri. — Vamos nos encontrar com Kizuno agora. Completou ele passando por Akin

— São seus próprios filhos. Você vai deixá-los assim? Disse Akin olhando para Fakuri com os olhos em lágrimas. Fakuri parou.

— Você não acha que eu quero usar antídoto nas pessoas que eu amo? Perguntou Fakuri encarando Akin. — Minha mulher também está infectada, não acha que quero salvá-la? Mais uma vez perguntou ele — Você me pediu para olhá-lo como um de nós Akin, como parte de nossa tribo. Então, se você é mesmo como nós, pare de olhar para dentro e olhe para seu povo. Completou Fakuri, virando as costas para Akin que olhava para o nada.

IX

Era a manhã seguinte a chegada de Uthane no assentamento e Akinar ajudava a encher o barco com as peles e demais mercadorias que levariam de volta para “”. Então escutou chamarem seu nome ao longe. Olhou na direção para ver o que era e viu um homem pequeno correndo em sua direção, era Murin, o batedor do assentamento que voltava de uma espionagem na tribo Tuk.

— Akinar! Disse Murin antes mesmo de chegar próximo. O homem respirou fundo e aprumou-se. — A tribo Tuk foi devastada! Completou engasgando-se.

— Não é possível! Afirmou Akinar assustado. — Zarak não teria tempo de conseguir tão rápido.

— Chefe Akinar, cheguei o mais perto que consegui da aldeia e percebi que estava sendo saqueada. Disse Murin incrédulo. — Mas não vi sinais de batalha, apenas corpos caídos queimados no chão.

— Do que você está falando? Perguntou “” que ouvia também

— Os homens de Zarak não estavam sujos de batalha e nem cansados, apenas saqueavam a aldeia.

— E Zarak? Perguntou Akinar

— Não o vi, chefe. Respondeu Murin.

— Em quantos estão? E quanto tempo para chegarem aqui?
Perguntou Akinar.

— Cerca de vinte guerreiros chefe, que devem sair de lá montados em cavalos descansados da própria tribo Tuk. Eu diria que podem estar aqui antes do entardecer. Completou Murin.

— Mudança de planos. Os barcos devem partir agora, todos que não forem guerreiros devem partir. Disse Akinar em voz alta para que todos ali escutassem. — Se necessário joguem as mercadorias ao mar para que caibam todos. Completou ele. Akinar fez um sinal para que seu irmão “” se aproxima-se. — Junte todos os guerreiros e me encontre no portão de entrada do assentamento. “” balançou a cabeça e saiu apressado.

Akinar foi até sua tenda onde estavam Uthane e Yacamin, ao entrar se deparou com os dois sentados e a mulher contava ao garoto algumas histórias de sua tribo.

— Akinar, o que ouve? Perguntou a mulher ao vê-lo nervoso.

— Zarak está vindo para cá agora mesmo, você e Yacamin precisam entrar nos barcos para fugir. Disse Akinar agitado. Os olhos de Uthane se arregalaram.

— Não vou abandonar você e minha terra! Afirmou ela em uma mistura de grito com choro. — Akinar por favor. Suplicou. Akinar se abaixava para falar com Yacamin.

— Meu irmãozinho preciso que você vai para um dos barcos que estão no cais agora. Disse passando os dedos por entre os cabelos escuros do garoto.

— O que foi irmão? Perguntou o pequeno Yacamin com olhar de quem tentava entender.

— Nós vamos só deixar o assentamento por momento, vocês vão primeiro e eu vou logo depois. Disse ele fazendo gestos para que Yacamin se levantasse. Os dois ficaram de pé começaram a caminhar para a saída. Uthane veio e se jogou nos braços de Akinar, beijando seus lábios. Ela afastou o rosto e olhou para seus olhos.

— Estou carregando uma criança em minha barriga. Disse ela com rosto quase colado ao dele. Akinar assustou-se com uma feição em seu rosto de felicidade e medo. Encostou a testa junto a testa de Uthane e respirou profundamente.

— Está bem Uthane. Disse ele cedendo. — Vá ao estábulo, pegue o cavalo marrom escuro com uma mancha na cabeça. Disse ele tirando o cabelo da face de Uthane. — Seu nome é Obi, o cavalo mais veloz que você vai encontrar. Disse enxugando as lágrimas no rosto da mulher. — Desça para o sul, margeando a mata, até encontrar **nome do vilarejo**, o chefe de lá me deve um favor.

— Você vai me encontrar lá? Perguntou ela.

— Sim. Disse Akinar pegando uma das mãos de Uthane. Com a outra mão tirou algo que estava preso em sua cintura e levou para frente colocando nas mãos da mulher. Uthane olhou baixo e viu uma adaga com o cabo feito de osso e a lâmina dentro de um estojo de couro. Uthane pousou sua outra mão no cabo e puxou levemente para fora, uma lâmina de pedra de cor vermelha escuro apareceu. Uthane retirou-a por inteiro e viu que era perfeitamente esculpida, a pedra mais bonita que já tinha visto.

— É obsidiana. Disse Akinar. — Eu mesmo a fiz para você, guarde-a sempre com você e assim irei sempre saber onde te encontrar. Uthane voltou a adaga para dentro do estojo e passou os braços por Akinar abraçando-o. Ficaram ali por um instante e então ela o largou e se virou de costas para sair, deu uma última olhada para ele e Yacamin então foi embora.

Akinar levou Yacamin para o cais, onde os barcos já estavam cheios e prontos para partir. O garoto tinha aproximadamente doze anos, tinha cabelos preto de tamanho médio e pele morena clara.

— Akinar. Disse o garoto cutucando o irmão ao chegarem no cais, Akinar parou e abaixou-se para ouvi-lo. — Estou com aquela sensação ruim de novo, como na noite passada.

— Eu também estou meu irmãozinho. Disse ele. — Consegui sentir a minha energia? Perguntou ele e Yacamin balançou

a cabeça que sim. — Certo. Feche os olhos e respire fundo. Quero que você se conecte comigo, grave a sensação que emana da minha energia e assim saberá quando eu estiver voltando. Disse ele e fecho os olhos junto com o pequeno irmão.

— Vou te esperar em “” Disse Yacamin sorrindo. Akinar assentiu com cabeça pegou Yacamin nos braços e o colocou no barco. O garoto se sentou e ficou olhando para ele. Akinar fez sinal para que o barco partisse e ficou ali por alguns instantes enquanto via seu irmão se afastar.

Enquanto isso, no portão do assentamento cerca de trinta homens e mulheres se reuniam esperando pela chegada de Akinar, seguravam lanças de madeira com ponta de pedra e arcos longos enormes, vestiam couro e tecidos leves pelo corpo.

Akinar já se aproxima e então fez sinal para que todos se virassem para ele.

— Escutem bem. Disse ele se posicionando em frente a todos. Zarak pode chegar a qualquer momento então serei breve. Começou ele em tom voz vibrante. — Vou dar a vocês lanças e flechas feitas por obsidiana e depois todos devem se esconder. Disse ele. — Até termos certeza do que está acontecendo, apenas eu estarei aqui a espera dele. Akinar esticou seu braço direito para o

lado e inspirou lentamente. De seu braço pequenos pedaços de pedra vermelha começaram a ser expelidos pela pele, aos poucos os pedaços eram maiores e tomavam seu braço por completo. Os guerreiros olhavam espantados enquanto a transformação acontecia.

Akinar agora tinha todo o braço direito na forma de uma rocha pontuda de cor vermelha escura. Seus dedos não podiam mais ser vistos restando apenas um pedaço de pedra pontudo que crescia ainda mais. De repente, o homem jogou o braço de pedra para trás e o fincou no chão com força e depois jogou seu corpo para trás quebrando a parte de seu ombro que o conectava com a grande pedra vermelha.

Explicar poder de akinar

— Agora desta pedra, saíram suas armas. Disse Akinar apontando para que todos se aproximassem. Aos poucos da pedra no chão pequenos cristais cresciam, finos e pontudos. Uma mulher se aproximou encostou em um que crescia e o arrancou da base de pedra. Estilhaços vermelhos voaram e haste se desprende, ela segurou sentiu o peso perfeito da arma, então sorriu para Akinar. O chefe apontou para que ela se esconde-se e assim os outros também fizeram.

Do braço direito arrancado de Akinar pedaços de pedra cresciam se assemelhando a um novo braço ainda feito de pedra. Akinar começava a movimentá-lo e logo tinha braço direito inteiro completo feito de pedra. As pedras em seu braço então começaram a se desfazer, dando lugar a uma pele que estava por baixo. Akinar olhou para os arqueiros que esperavam seu comando. Estendeu a mão para grande pedra vermelha fincada no chão e dela pequenos filetes de pedra saíram, tão finos como uma flecha. Assim como os outros os arqueiros se aproximaram e pegaram as flechas de obsidiana.

Akinar apontou para um ponto mais alto do assentamento que tinha visão clara da entrada e todos foram na direção. Então ele fez sinal para seu irmão “” fosse até ele.

— Meu irmão preciso de sua boa mira agora. Disse ele olhando nos olhos de “”. — Lembra de nosso treinamento? O irmão fez que sim com cabeça — Então use suas flechas somente ao meu sinal e você ficara daquele outro lado. Akinar apontou para uma torre de vigia mais ao longe.

— Daquele lugar não conseguirei acertar Zarak. Retrucou “”

— Você conseguira irmão, é por isso que te dei o melhor arco do assentamento. Agora vá. Disse Akinar apressando o irmão que saiu correndo.

Momentos depois, todos estavam posicionados e aldeia parecia vazia. Akinar saiu de sua tenda com uma cumbuca de madeira nas mãos. Foi até a grande fogueira apagada no centro e sentou-se de modo que pudesse enxergar a entrada.

Sentado ali, enfiou os dedos dentro da cumbuca sentindo a textura grudenta do pigmento que lá estava. Levou as mãos até altura dos olhos para sentir o cheiro terroso da tinta e observou o pigmento vermelho intenso. Passou um pouco em sua testa, e depois começou a reforçar todas as linhas tribais desenhadas em seu corpo com o pigmento.

Passou pelos braços, pernas e então chegou ao torso, abaixou os olhos examinando o local até chegar em sua marca de nascença que ficava na altura de sua costela esquerda. Era como uma mancha que começava abaixo de seu peito e ia se dividindo em várias como raízes por sua costela, tinha cor vermelha pálida. Akinar mergulhou os dedos mais uma vez e contornou sua marca com líquido vermelho. Após terminar ficou ali sentado, esperando a chegada de Zarak e seus homens.

Passaram-se aproximadamente uma hora até que ele começasse a ouvir o trotar dos cavalos, que com o tempo aumentavam o ritmo e pareciam chegar mais perto. Ele permaneceu ali sentado esperando, não tinha consigo nenhuma lança e nem usava armadura.

Akinar aos poucos via a silhueta do homens montados a cavalo que vinham em direção ao assentamento, na frente um homem usando um tipo de manto feito de tecido escuro liderava. Zarak pensou ele, levantando-se. Caminhou um pouco à frente da fogueira sem tirar os olhos dos homens que agora já chegavam no portão principal.

Zarak entrou no assentamento seguido pelos demais, e fez sinal para que todos parassem ao avistar Akinar em pé. Ele então pulou de seu cavalo e assim todos os outros também fizeram.

Enquanto isso, Akinar os analisava, era como Murin havia dito, não estavam sujos de batalha ou sequer cansados. Não haviam sinais de tivessem acabado de tomar uma tribo inteira.

Zarak deu alguns passos à frente.

— Vejo que preparou uma festança para minha chegada. Comentou Zarak ironicamente. Olhando com riso na face para Akinar

— Por quê? Meu povo nunca lhe fez nada, por que está aqui? Perguntou Akinar ao homem.

— Ora ora. Disse Zarak rindo. — Agora você está interessado, será porque alguém lhe contou o que fiz com os Tuk? Perguntou ele. Akinar não tirava os olhos do homem

— Algo mudou quando cai naquela caverna. Posso sentir tudo a minha volta de um jeito diferente. Disse Zarak dando as costas para Akinar. — Inclusive, a presença de todos os seus guerreiros escondidos. Disse ele olhando de relance pelas costas em direção Akinar. — Você deve estar pensando que tem vantagem numérica sobre mim. Disse Zarak virando-se para Akinar. Deixe-me te mostrar uma coisa.

Naquele momento, Zarak estendeu o braço na direção de um homem que estava um pouco para trás a sua esquerda. O homem arregalou os olhos para ele como se tivesse sido atingido por algo.

— Zarak! O que é isso? Perguntou ele. Um tipo de energia começou a sair do corpo do homem que gritava em desesperado. Zarak mantinha o braço esticado e a mão aberta. A energia saía em mais quantidade do homem agora ajoelhado, com os olhos fundos e a pele seca. Akinar deu alguns passos para trás enquanto observava.

A energia tomou um tom de roxo escuro maligno e pairava no ar em direção a Zarak. Os homens em volta gritavam para que Zarak parece aterrorizados. Zarak então fez um movimento forte com braço esticado como se intensificasse ainda mais e o homem agora caiu no chão como um saco vazio, a pele totalmente ressecada, os olhos fundos e cadavéricos como se algo tivesse sido sugado de

dentro dele. A energia adentrava a pele da mão de Zarak que tinha no rosto uma feição de prazer.

Os outros homens de Zarak tentavam subir nos cavalos que estavam agitados com a situação.

— Parem agora!! Ou faço o mesmo com todos! Vociferou Zarak.

— Por quê? Zarak? Porque fez isso ele era um dos nossos. Perguntou um deles

— É como eu disse, as coisas mudaram e partir de agora vocês podem me chamar de Grun. Disse ele com olhar diabólico para Akinar.

— O que você quer? Perguntou Akinar tentando se manter firme

— Parece que acabei de acordar. Disse Grun calmamente — Por agora, só quero matar todos aqui! Berrou Grun, levando os braços para frente. Uma onda roxa de energia saiu deles em direção a Akinar que pulou para o lado desviando. A onda atingiu uma tenda atrás dele e a desintegrou completamente.

Akinar se levantou e começou a correr na direção de Grun que já lançava outra, está passou direto, Akinar continuava avançando, seu braço direito transformava-se em pedra obsidiana. Outra onda vinha em sua direção, Akinar se jogou para frente rolando e a onda energética passou por cima de sua cabeça, seu braço direito crescia atingindo o tamanho de uma lâmina enorme. Antes que Grun se mexesse novamente, Akinar lançou violentamente seu braço rasgando o ar na direção de dele. A lâmina zunia com a velocidade e no último instante Grun a segurou com as duas mãos, virou o rosto e sorriu para Akinar.

Grun apertou a pedra vermelha e seus dedos perfuraram. Akinar forçou a lâmina ainda mais, mas não adiantava, estava presa nas mãos do homem.

Grun olhou com raiva para Akinar e começou a usar seus poderes para absorver a energia do braço lâmina. Akinar sentiu algo

sendo drenado de seu corpo. Grun fez mais força e levantou a lâmina e com isso tirou Akinar do chão que agora se debatia no ar. Grun soltou um riso largo enquanto absorvia e segurava o braço de Akinar para alto.

Naquele instante uma lança feita de obsidiana saiu em velocidade e atingiu o peito de Grun fazendo-o gritar. Akinar que estava mais sendo absorvido, transformou seu braço esquerdo em pedra e bateu violentamente na conexão com braço direito, caindo no chão ofegante. Akinar olhou para direção de onde a lança havia saído e viu seus guerreiros partindo em direção de Grun.

Os homens de Grun gritaram e uma batalha generalizada começou, Akinar levantou seu braço direito que já se regenerava em sinal para os arqueiros. Uma chuva flechas vermelhas veio e atingiu muitos do homens de Grun, que nesse momento acabava de rancar com as próprias mãos. Homem arrancou a lança violentamente fazendo jorrar sangue de seu peito, olhou para lado e viu dois dos seu homens agonizando no chão com flechas, foi até eles e os levantou pelo pescoço, começou a absorver sua energia. Os dois homens gritaram até definharem por completo, Grun os lançou em direção as tropas de Akinar acertando duas pessoas violentamente.

Naquele momento Grun e Akinar se encaravam enquanto a batalha ao se redor acontecia. Grun arqueou os braços para trás E

Akinar a energia vil roxa acumulando em volta de seus braços até que Grun jogou os braços para frente e como um canhão uma onda roxa saiu. Akinar virou seu corpo, e pisou no chão formando uma base sólida para receber o impacto, seu ombro esquerdo se transformou em pedra instantaneamente e aumentou de tamanho se virando um tipo de escudo. O impacto veio e Akinar gritou com toda sua força para não ser jogado para trás. Grun aumentou a potência de seu poder ainda mais. Akinar sentiu seu corpo sendo arrastado para trás, então suas pernas se transformaram em pedra, ele fez ainda mais força para conter aquele poder maligno.

Akinar então com extrema dificuldade deu um passo para frente empurrando o poder de Grun, e então outro. De repente viu uma flecha de pedra vermelha brilhar no sol passar zunindo em direção de onde Grun estava. “” veio em sua mente e a situação clariou em sua mente. Akinar em único movimento girou seu corpo para lado e empurrou o seu ombro escudo para outro caindo em pé ao lado da rajada de poder de Grun.

Akinar novamente começa correr na direção a Grun que tinha flecha ficandas em seu peito e braço. Naquele instante, pequenos cristais pontiagudos cresciam das flechas grudados no corpo de Grun esstraçalhando sua pele e impedindo seus movimentos.

Akinar agora corria com corpo quase todo em pedra, transformava seu braço direito novamente em lâmina. Grun mesmo atingido ainda se esforçava para se mexer, até que lançou outra rajada de energia. Akinar rebateu a energia vil com seu ombro esquerdo fazendo-o se dispersar, agora ele chegava realmente perto de Grun. Outra rajada e novamente Akinar dispersou-a com seu ombro escudo, estava a poucos metros de Grun e então trouxe seu braço em forma lâmina para frente. Grun segurou a lâmina impedindo que ela fosse cravada em seu peito. Akinar berrou loucamente fazendo ainda mais força, as mãos de Grun cederam e lâmina perfurou sua barriga atravessando seu corpo. Akinar parou e olhou para o homem que cuspia. Grun que olhava para baixo subiu a cabeça para encarar Akinar, um sorriso sombrio formou-se em seu rosto e ele estendeu a mão para um grupo de cerca de quinze guerreiros que lutavam entre si. Grun absorveu todos instantaneamente recuperando sua força, ele estendendo a mão na direção de Akinar estava perto dele agora.

— O que é você? Perguntou Akinar com raiva, agarrando o braço de Grun com seu braço de pedra esquerdo. Antes que Grun pudesse reunir mais energia para um último golpe, o braço de Akinar começou a crescer para cima dele englobando seu braço inteiro, Grun berrou focalizando ainda mais energia, Akinar

também intensificou sua força conter a energia, a pedra crescia e tomava o torso de Grun, mas ele ainda gritava. Akinar sentiu que no contato de seu braço de obsidiana com ele uma energia absurda se aglomerava ele fez ainda mais força e seu braço cresceu mais tomando o peitoral de Grun. Uma luz surgiu de dentro do contato dos dois braços. Akinar percebeu que não aguentava mais conter aquele poder, é muita energia pensou ele. A primeira rachadura na obsidiana que unia os dois braços apareceu. Akinar olhou na direção em “” estava, pensou também no pequeno Yacamin e em Uthane. Uma rachadura enorme aconteceu e uma luz intensa imergiu ao céu, Akinar sentiu um calor absurda sair dali e uma explosão de energia o atingiu.

